



**Ajustamento do emprego no Setor do Turismo em Portugal –
análise dos fluxos de emprego entre 2008 e 2012**

por

Ana Rita da Silva Teixeira

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Economia pela Faculdade de
Economia do Porto

Orientada por:

Professor Doutor Luís Delfim Santos

Setembro, 2016

Nota biográfica

Ana Rita da Silva Teixeira nasceu a 13 de Janeiro de 1992, na freguesia de Moreira da Maia, no Porto.

Concluiu o ensino secundário, obtendo o curso de Ciências Socioeconómicas, em 2010, no Colégio D. Duarte, no Porto, com uma classificação final de 18/20 valores.

Ingressou na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, no mesmo ano, alcançando a Licenciatura em Economia no ano de 2014, com uma classificação final de 13/20 valores.

Frequentou o Mestrado em Economia, na mesma instituição de ensino, nos últimos dois anos letivos, no qual detém uma classificação final de 15/20, relativamente à parte curricular.

Agradecimentos

A realização da presente tese de mestrado é a conclusão de mais uma importante etapa da minha vida académica e pessoal. A sua elaboração permitiu testar as minhas capacidades de superação face a um projeto desafiante. Ao longo deste processo, o apoio incondicional de determinadas pessoas foi fundamental, às quais serei eternamente grata.

Em primeiro lugar, e com o devido destaque, gostaria de agradecer ao Professor Luís Santos pela orientação, disponibilidade, partilha de conhecimento, amabilidade, paciência e, sobretudo, pelos comentários críticos e construtivos durante todo este processo, que me permitiram enriquecer esta dissertação.

Posteriormente, uma nota de apreço ao Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia e da Inovação, pelo concebimento do acesso à base de dados Quadros de Pessoal, sem o qual não teria sido possível a concretização desta dissertação. Dirijo também, neste contexto, uma particular palavra de agradecimento à Professora Anabela Carneiro, pelo envio atempado de todos os dados pedidos relativamente aos Quadros de Pessoal.

Agradeço especialmente à minha mãe, pelo seu amor incondicional e por todos os sacrifícios que fez ao longo dos anos. O nível de formação académica no qual me encontro, a ela o devo pois proporcionou-me todas as condições necessárias para eu progredir no meu ciclo de estudos.

A todos os restantes membros da família, em especial à minha irmã Sara, por toda a amizade e paciência ao longo deste processo, e aos meus amigos e professores, por todo o apoio e incentivo dado.

Por último, agradeço particularmente ao meu namorado, Pedro, por me acompanhar nesta etapa, tanto nos bons como nos maus momentos, incentivando-me constante.

Resumo

Na presente dissertação são empregues dados dos Quadros de Pessoal de modo a analisar a evolução dos fluxos de emprego no setor do turismo, em Portugal. O objetivo do estudo consiste em apurar o ajustamento do emprego efetuado por empregadores e trabalhadores, entre 2008 e 2012, e determinar a relação com o ciclo económico.

A diminuta literatura subjacente ao impacto da recente crise financeira nos fluxos de emprego conduziu à escolha do tema. Na tentativa de preencher esta lacuna, o presente trabalho pretende contribuir com uma análise preliminar de evidência empírica. Para tal, recorrendo às taxas de variação anual calculadas para os fluxos, são elaboradas várias estatísticas descritivas, quer para os fluxos de postos de trabalho como para os fluxos de trabalhadores, controlando as características das empresas e trabalhadores e validando o comportamento do emprego no período considerado.

Os resultados permitem apurar que o setor do turismo é mais sensível ao ciclo económico do que o setor dos serviços. Tal evidência é salientada em fases de recessão económica, uma vez que as perdas relativas do ajustamento do emprego no setor do turismo são superiores. Face à recente crise, sobretudo no ano 2010, as empresas reagiram incrementando os fluxos de destruição de postos de trabalho, particularmente pelo encerramento de empresas, induzindo ao aumento dos fluxos de separação de trabalhadores. No ano consecutivo, a capacidade de diminuir os fluxos de destruição e fundamentalmente, aumentar os fluxos de criação de postos de trabalho, introduzindo novas empresas no mercado de trabalho, expressou a resiliência económica dos setores. No entanto, a dinâmica mais favorável dos fluxos de emprego do mercado de trabalho do setor dos serviços deveu-se a fluxos de valores inferiores, principalmente, no que concerne aos fluxos de destruição de postos de trabalho e aos fluxos de separação de trabalhadores. No ano 2011, a atuação dos empregadores ao aumentarem consideravelmente os fluxos de criação de postos de trabalho por novas empresas, provocando o aumento dos fluxos de contração de trabalhadores, originou uma variação líquida positiva do emprego.

Códigos-JEL: J23

Palavras-Chave: setor do turismo, admissões e separações, criação e destruição de emprego.

Abstract

We use the data from Quadros de Pessoa in order to analyze the evolution of employment flows in the tourism sector in Portugal. The main objective is to determine the employment adjustment, between 2008 and 2012, and the relationship with the economic cycle.

The scarce literature underlying the impact of the recent financial crisis on employment flows led to the choice of the theme. In attempt to fill this gap, this dissertation aims to contribute to a preliminary analysis of empirical evidence. Using the annual rates of job flows, we prepared many descriptive statistics, both for the employment flows and to workers flows, controlling employers and workers characteristics and validating the employment performance in the period considered.

The results conclude that the tourism sector is more sensitive to the economic cycle than the services. Such evidence is proven, especially in economic recessions, once the related losses of the employment adjustment are higher. In the recent financial crisis, particularly in 2010, the firms reacted by increasing the job destruction flows, particularly by closure of firms, proliferating the separation of workers. In consecutive year, the capacity to decreased job destruction flows, and, crucially, increased the job creation flows, by introducing new firms in the labor market, expressed the economic resilience of the sectors. However, the most favorable dynamic of job flows in the services labor market was proven, especially, by lower values flows in job destruction flows and separation of workers flows. In 2011, the employers response was increased, considerably, the job creation flows by introducing new firms, causing an increased in hiring of workers flows, resulted in a positive net employment growth.

JEL-Codes: J23

Key-words: tourism sector, hiring and separations, job creation and destruction.

Índice de Conteúdos

Nota biográfica	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice de Conteúdos	v
Índice de tabelas	vii
Introdução	1
Capítulo 1 - Revisão Bibliográfica	4
1.1 Contextualização	4
1.2 Conceitos relevantes	7
1.3 Comportamento histórico	10
a) Nível Internacional	10
b) Nível Nacional	12
1.4 Fluxos de emprego e o ciclo económico	16
Capítulo 2 - Setor do Turismo	19
2.1 Enquadramento e definições	19
2.2 Comportamento histórico	22
a) Turismo Mundial	22
b) Turismo Nacional	23
2.3 Características dos trabalhadores	27
Capítulo 3 – Questões de Investigação	29
3.1 Descrição da base de dados	29
3.2 Construção da base de dados de interesse	31
a) Fluxos de Postos de Trabalho	31
b) Fluxos de Trabalhadores	33
3.3 Análise estatística dos dados obtidos	36
Capítulo 4 – Análise de Resultados	40
4.1 Fluxos de emprego no setor do turismo português	41
a) Fluxos de Postos de Trabalho	41
b) Fluxos de Trabalhadores	43
c) Churning rates	47

4.2 Fluxos de postos de trabalho por regiões	50
4.3 Fluxos e características dos trabalhadores	52
a) Género	52
b) Faixa Etária	53
c) Habilitações Literárias	54
d) Tipo de Contrato	55
e) Regime de Contrato	56
Conclusão	57
Referencias Bibliográficas	61
Anexos	65

Índice de tabelas

Tabela 1 – Comparação internacional de fluxos de postos de trabalho, valores médios anuais, 1983-2005	10
Tabela 2 – Comparação internacional de fluxos de rotação, valores médios anuais, 1990-2005	11
Tabela 3 – Fluxos de postos de trabalho na economia portuguesa, valores anuais, 1996-2005	12
Tabela 4 – Fluxos de emprego na economia portuguesa, valores anuais, 2001-2006	13
Tabela 5 – Fluxos de emprego na economia portuguesa, valores trimestrais, 2007-2012	13
Tabela 6 – Principais indicadores económicos em Portugal, taxas de variação homóloga, 2008-2012	17
Tabela 7 – Chegadas de Turistas Internacionais, a nível mundial, em milhões, 2004-2014	22
Tabela 8 – Receitas de Turismo Internacional, a nível mundial, em mil milhões de euros, 2004-2013	23
Tabela 9 – Balança Turística (BT), saldo em milhões de euros e peso no PIB (%), 2004-2014	24
Tabela 10 – Receitas Turísticas (RT), em milhões de euros e peso no PIB (%), 2004-2014	24
Tabela 11 – Consumo do Turismo no Território Económico (CTTE), em milhões de euros e peso no PIB (%), 2004-2010	25
Tabela 12 – Características dos trabalhadores, na UE, no ano 2014	27
Tabela 13 – Características dos trabalhadores, em Portugal, no ano 2007	28
Tabela 14 – Número total de empresas, 2008-2012	36
Tabela 15 – Número total de trabalhadores, 2008-2012	36
Tabela 16 – Peso médio do nº de empresas, por NUTS II, 2008-2012	37
Tabela 17 – Peso médio das características dos trabalhadores, 2008-2012	38
Tabela 18 – Fluxos de postos de trabalho, Setor do Turismo, 2008-2012	40
Tabela 19 – Fluxos de postos de trabalho, atividade económica “ Restauração e similares”, 2008-2012	41

Tabela 20 – Fluxos de postos de trabalho, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	42
Tabela 21 – Fluxos de postos de trabalho, Setor dos Serviços, 2008-2012	43
Tabela 22 – Fluxos de trabalhadores, Setor do Turismo, 2008-2012	44
Tabela 23 – Fluxos de trabalhadores, atividade económica “ Restauração e similares”, 2008-2012	45
Tabela 24 – Fluxos de trabalhadores, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	46
Tabela 25 – Fluxos de trabalhadores, Setor dos Serviços, 2008-2012	46
Tabela 26 – Taxas churning, Setor do Turismo, 2008-2012	48
Tabela 27 – Fluxos de postos de trabalho médios por NUTS II, Setor do Turismo, 2008-2012	50
Tabela 28 – Fluxos de trabalhadores médios por características do trabalhador, Setor do Turismo, 2008-2012	52
Tabela A.1 – Composição do Setor do Turismo, CAE rev.3	65
Tabela A.2 – Composição do Setor dos Serviços, CAE rev.3	66
Tabela A.3 – Composição das variáveis referentes às características dos trabalhadores	67
Tabela B.1 – Taxa churning, atividade económica “ Restauração e similares”, 2008-2012	68
Tabela B.2 – Taxa churning, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	68
Tabela B.3 – Taxa Churning, Setor dos Serviços, 2008-2012	68
Tabela B.4 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, Setor do Turismo, 2008-2012	69
Tabela B.5 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012	70
Tabela B.6 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	71
Tabela B.7 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, Setor dos Serviços, 2008-2012	72
Tabela B.8 – Fluxos de trabalhadores, por Género, Setor do Turismo, 2008-2012	73

Tabela B.9 – Fluxos de trabalhadores, por Género, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012	73
Tabela B.10 – Fluxos de trabalhadores, por Género, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	74
Tabela B.11 – Fluxos de trabalhadores, por Género, Setor dos Serviços, 2008-2012	74
Tabela B.12 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, Setor do Turismo, 2008-2012	75
Tabela B.13 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012	75
Tabela B.14 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	76
Tabela B.15 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, Setor dos Serviços, 2008-2012	76
Tabela B.16 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, Setor do Turismo, 2008-2012	77
Tabela B.17 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012	77
Tabela B.18 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	78
Tabela B.19 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, Setor dos Serviços, 2008-2012	78
Tabela B.20 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, Setor do Turismo, 2008-2012	79
Tabela B.21 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012	79
Tabela B.22 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	80
Tabela B.23 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, Setor dos Serviços, 2008-2012	80
Tabela B.24 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, Setor do Turismo, 2008-2012	81

Tabela B.25 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012	81
Tabela B.26 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012	82
Tabela B.27 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, Setor dos Serviços, 2008-2012	82

Introdução

A crescente relevância do impacto do ajustamento do emprego evidencia que o processo de reafecção ocorrido no mercado de trabalho é crucial no entendimento do funcionamento das economias. Os choques económicos ocorridos provocam, anualmente, inúmeros fenómenos no mercado de trabalho, tais como, a formação de novas empresas, expansão das empresas existentes, ou inversamente, contração e/ou encerramento da atividade das empresas. Simultaneamente, novos indivíduos são contratados no mercado de trabalho, para novas vagas ou substituição das atuais, trabalhadores mudam de posto de trabalho e de empresa, e ainda, outros trabalhadores são forçados a terminar a relação laboral existente com a empresa. Todas estas possibilidades de variações nos fluxos são de particular importância, uma vez que fornecem características específicas quer ao nível das empresas, quer de setores de atividade ou quer ao nível dos países. Concomitantemente, a perceção do ajustamento do emprego ao longo do ciclo económico é fulcral, uma vez que se torna necessário compreender os motivos que originam as oscilações dos fluxos perante a conjuntura económica observada, e perante as características do país em questão, para que sejam concebidas respostas políticas adequadas. Os fluxos de emprego à luz dos ciclos económicos apresentam, normalmente, um comportamento pró-cíclico da variação líquida do emprego, ou seja, existe criação líquida de emprego em fases de expansão do ciclo económico, e inversamente, destruição de emprego em fases de recessão do ciclo económico. Os fatores que motivaram os resultados nos fluxos de emprego são de relevante perceção.

Com a elaboração da presente Dissertação de Mestrado procuro dar resposta a como é que o setor do turismo, em Portugal, reage aos ciclos económicos, nomeadamente, após a recente crise económica, em matéria de emprego. A complexidade do setor do turismo, envolvendo um conjunto de atividades de diversas naturezas que provocam um impacto (direto e/ou indireto) por toda a económica, tornam esta questão de particular interesse. Adicionalmente, a informação sobre os fluxos de emprego no setor do turismo, em particular no caso português, é pouco significativa e com este trabalho pretende-se suprir essa lacuna, para o período considerado. Os objetivos consistem, nomeadamente, em averiguar se o setor do turismo se diferencia ou não, a nível de emprego, de outros setores da economia portuguesa face à observação dos efeitos da crise financeira ocorrida, e

concomitantemente, verificar se o setor do turismo sincroniza com o ciclo económico, em termos de ajustamento de emprego.

A abordagem metodológica apresenta cariz quantitativo, assente na análise estatística das taxas de variação anual dos fluxos de emprego, recorrendo aos dados dos Quadros de Pessoal (QP). Através das observações existentes para os trabalhadores e empresas, e utilizando os conceitos dos fluxos de emprego, será apresentada a reação dos setores de atividade, principalmente do setor do turismo, perante a crise económica, em termos de ajustamento do emprego, entre 2008 e 2012. A incorporação de variáveis-chave, atendendo às características das empresas e trabalhadores, permite a interpretação quer dos fluxos de criação, destruição e rotação no que respeita aos postos de trabalho, quer dos fluxos de admissão, separação e rotação no que concerne aos trabalhadores. A variação líquida de emprego e a taxa churning permitirão relacionar os fluxos de postos de trabalho com os fluxos de trabalhadores. Os Quadros de Pessoal são a fonte administrativa que consiste na recolha de informação detalhada sobre os trabalhadores por conta de outrem no setor privado em Portugal. Todos os anos, é fornecido um inquérito padronizado de preenchimento obrigatório às empresas, relativo às informações do mês de Outubro (o mês de referência era Março até 1994), recolhido, atualmente, pelo Gabinete de Estratégia e Estudos (GEE) do Ministério da Economia. O mérito desta base de dados consiste na elevada concentração de dados e, conseqüentemente, pela existência de informação individualizada sobre empresas, estabelecimentos e trabalhadores que as compõe. O estudo dos fluxos de emprego necessita, segundo Davis *et al.* (1996) (*cfr* Vilaverde, 2013), de informação que permita analisar isoladamente os fluxos de postos de trabalho e fluxos de trabalhadores e, posteriormente, possibilite relacionar os mesmos fluxos através de uma variável em comum. Os Quadros de Pessoal cumprem este requisito base. Porém, o desfasamento entre as expectativas formadas pelos empregadores e a propagação das mesmas no mercado de trabalho provoca um atraso na reação dos fluxos de emprego face à fase do ciclo económico, sendo necessário, um período de amostra o mais amplo possível de modo a retirar conclusões consistentes.

O presente trabalho é estruturado em quatro capítulos principais. No primeiro capítulo, será apresentada uma breve revisão de literatura sobre os fluxos de emprego, retratando a contextualização, definição dos conceitos principais, o comportamento histórico observado, tanto a nível internacional como a nível nacional e os ciclos

económicos. Em seguida, no segundo capítulo, referencia-se o setor principal do estudo, o setor do turismo, no qual se pretende mencionar as definições relevantes, o comportamento histórico e a caracterização do mercado de trabalho, sobretudo, realçar as características dos trabalhadores. Posteriormente, no terceiro capítulo é descrita a base de dados utilizada, identificados os dados de interesse e incorporada uma breve análise estatística dos mesmos. Por último, no quarto capítulo, analisam-se os resultados obtidos e identificam-se as principais conclusões, a nível dos fluxos de emprego em Portugal.

Capítulo 1 – Revisão de Literatura

1.1 Contextualização

Os fluxos de emprego, devido ao carácter dinâmico que apresentam, provocam múltiplos efeitos económicos. No mercado de trabalho, todos os anos, as empresas são confrontadas com diversos fatores que conjugados resultam ou na criação de novas empresas, ou na expansão ou contração de empresas já existentes, ou no encerramento das mesmas. Durante este processo, existe a contratação de trabalhadores para novos postos de trabalho ou postos já existentes, e em contraponto, o despedimento de trabalhadores, seja pela extinção do posto de trabalho ou por a substituição do mesmo. Existe ainda o despedimento voluntário pelo trabalhador que encontra, normalmente, outro posto de trabalho que melhor se adequa às suas características.

As fases dos ciclos económicos, ocorridas nas economias, claramente, influenciam os fluxos de emprego. É necessário estudar o comportamento do ciclo económico, através das flutuações na atividade económica, de modo a compreender as variações nos fluxos de emprego, numa determinada economia. Contextualizando os ciclos económicos de acordo com os fluxos de emprego, à primeira vista, as fases de expansão do ciclo económico corresponderiam a épocas de criação de emprego e as fases de recessão a épocas de destruição de emprego. Porém, em ambas as fases de um ciclo económico existem fluxos de admissões e despedimentos que sendo de substituição direta não criam nem extinguem nenhum posto de trabalho. Um dos principais desafios das economias é a capacidade de criação de emprego durante uma fase de recessão do ciclo económico, sendo em muitos dos casos o principal impulsionador na sua resolução. Deste modo, a flexibilidade e a adaptação estrutural do emprego numa determinada economia são características relevantes para o sucesso da mesma. Uma vez que existem diversas combinações possíveis de resposta em termos de emprego às fases do ciclo económico, é necessário, segundo Davis *et al.* (1996), observar as decisões tomadas pelas empresas através do número de admissões e despedimentos como o número de postos de trabalho criados e extintos e por fim, proceder à análise da relação entre os fluxos.

As combinações de emprego, tomadas pelas empresas, são afetadas por um conjunto de forças de mercado durante os ciclos económicos que detém um papel importante no processo de realocação do fator trabalho, segundo a publicação da OCDE,

OCDE (2009). Perspetivando o lado das empresas, as forças de mercado originam melhores oportunidades de emprego como destroem atividades de produção que sejam ineficientes. Relativamente ao lado dos trabalhadores, existem benefícios e custos que devem ser considerados durante todo o processo. Por um lado, pela criação de novas e melhores oportunidades de emprego, existem benefícios associados que contribuem para o aumento da produtividade e o crescimento do produto de uma economia, melhorando o bem-estar social. Contudo, a mobilidade laboral também envolve custos, tanto para as empresas, como por exemplo os custos de recrutamento e seleção de novos trabalhadores, necessidade de investimento em novas formações, entre outros, como para os trabalhadores, através, por exemplo, de custos de mobilidade, ajustamento ou necessidade de investimento na sua formação.

Por último, é importante ressaltar que a utilização dos fluxos de emprego na análise do mercado de trabalho apresenta vantagens e desvantagens. O carácter minucioso dos fluxos, decompondo em fluxos de postos de trabalho e de trabalhadores, permite que a análise elaborada seja mais eficaz do que, por exemplo, a análise através dos indicadores macroeconómicos. Perante duas economias diferentes, na mesma fase do ciclo económico e que apresentem a mesma variação líquida de emprego, não está explicado o impulsionador dessa variação pelos indicadores macroeconómicos. Porém, utilizando os fluxos de emprego, observa-se que a combinação de determinados fluxos de criação e destruição de emprego com certos fluxos de admissão e despedimentos originaram essa variação líquida de emprego. As diferentes combinações são o resultado da interpretação da fase do ciclo económico observada por cada empresa. No entanto, o uso dos fluxos de emprego também revela limitações, uma vez que, as medidas de criação e destruição de emprego não captam os efeitos de mudanças na composição do emprego dentro da empresa, isto é, variações líquidas nulas de emprego podem estar associadas a fluxos de criação e destruição de um igual número de empregos, não refletindo a reafecção de emprego. Porém, esta questão é ultrapassada pela análise dos fluxos de trabalhadores, nomeadamente as contratações e separações de trabalhadores. Contudo, o cálculo dos fluxos de emprego é estabelecido para um intervalo de tempo fixo, e deste modo não existe a possibilidade de saber a reafecção de emprego revertida durante o período. Os fluxos de emprego também não são o reflexo imediato da realidade observada, uma vez

que existe desfasamento entre as expetativas formadas pelos empregadores e a propagação das mesmas no mercado de trabalho.

1.2 Conceitos relevantes

Os fluxos de emprego subdividem-se entre fluxos de postos de trabalho e fluxos de trabalhadores. A exposição a seguir apresentada baseia-se nos conceitos pioneiros de Davis *et al.* (1996). A caracterização dos fluxos de postos de trabalho é efetuada, segundo os autores, pela definição dos seguintes conceitos:

- Criação (bruta) de emprego: consiste, no momento t , no somatório de todos os ganhos de emprego para o conjunto de empresas que iniciam ou expandem a atividade, em determinada economia, entre o período $t-1$ e t .
- Destruição (bruta) de emprego: corresponde, no momento t , às perdas de emprego para o conjunto de empresas que contraem ou abandonam a sua atividade, em determinada economia, entre o período $t-1$ e t .
- Variação líquida de emprego: caracteriza-se, no momento t , pela diferença entre a criação e destruição de emprego, entre o período t e $t-1$.
- Rotação (bruta) de postos de trabalho: alude, no momento t , ao somatório das variações de emprego, sejam positivas ou negativas, das empresas de uma determinada economia, que ocorrem entre $t-1$ e t . Existirá um excesso de rotação quando esta não for a necessária para acomodar um determinado nível de variação líquida de emprego.

Os fluxos no mercado de trabalho não se encontram dissociados entre si, de acordo com Davis *et al.* (2006), e deste modo, a noção a reter é que a variação total no emprego resulta da diferente atuação das forças da procura e oferta de trabalho e da sua tendência para equilíbrio, a nível agregado e no longo prazo. Enquanto os fluxos de postos de trabalho refletem o lado da procura, ou seja, a atuação dos empregadores, os fluxos de trabalhadores correspondem ao lado da oferta. As alterações no emprego são visíveis em ambos os lados do mercado de trabalho visto que existem relações entre os dois tipos de fluxos que são razoavelmente estáveis durante um determinado período. Assim, a variação líquida de emprego, no momento t , também pode ser denominada pela diferença entre as admissões e separações de trabalhadores, em determinada economia, no período $t-1$ e t . Considerando, por exemplo, um setor da economia com uma separação e uma admissão, num determinado período, obtemos uma variação líquida de emprego de 0.

Esse resultado não originou criação nem destruição de emprego, visto que a separação não extinguiu o posto de trabalho, apenas substituiu o trabalhador em questão.

No que concerne aos fluxos de trabalhadores, os autores referidos destacam três conceitos associados:

- Contratação (bruta) de trabalhadores: corresponde, no momento t , a qualquer proposta de trabalho aceite por um trabalhador, entre o período $t-1$ e t , quer para um posto existente quer para um posto criado pela empresa.
- Separação (bruta) de trabalhadores: refere, no momento t , à conclusão de um contrato de trabalho entre trabalhadores e empregadores, entre o período $t-1$ e t , quer pela substituição do posto quer pela extinção do mesmo pela empresa.
- Rotação (bruta) de trabalhadores: indica, no momento t , a soma do número de trabalhadores contratados e despedidos, entre o período $t-1$ e t . Existirá um excesso de rotação de trabalhadores quando numa determinada economia a rotação observada não for a necessária para acomodar um determinado nível de variação líquida de emprego.

A análise dos fluxos de emprego assenta no estudo das taxas de variação dos vários fluxos descritos, normalmente, em termos anuais ou trimestrais. Porém, para se obterem as taxas de variação, é necessário relativizar o valor absoluto pelo emprego médio verificado nos períodos t e $t-1$. O emprego médio retrata a média do somatório do emprego, ou seja, o número de trabalhadores empregues, num(vários) setor(es) económico(s), entre o período t e $t-1$.

Os mesmos autores concluem a definição de conceitos sobre os fluxos de emprego referenciando a *churning rates*, que consiste, no momento t , na diferença entre a taxa de rotação de trabalhadores e taxa de rotação de postos de trabalho, em determinada economia, no período $t-1$ e t . Conclui-se que quanto mais elevada for esta taxa, maior é a discrepância entre as rotações referidas, e portanto, existe uma grande agitação no mercado de trabalho no período de análise. A rotação de trabalhadores, de um modo geral, tende a ser superior à rotação de postos de trabalho, significando que cada criação ou cada extinção de um posto de trabalho não geraram, respetivamente, apenas uma admissão e um despedimento de trabalhadores. Os fluxos de rotação são uma parte importante da dinâmica de emprego das economias, uma vez que são fundamentais para as empresas

renovarem a sua força de trabalho, permitindo também aos trabalhadores aplicarem o seu capital humano na utilização mais produtiva, gerando uma sucessão de vagas de emprego que melhoram a afetação de recursos na economia. No entanto, os fluxos de rotação não conduzem diretamente ao crescimento ou decréscimo do emprego, mas à evolução do mercado de trabalho ao longo do ciclo económico.

O estudo ideal sobre os fluxos de emprego, segundo os autores, é aquele que consegue captar as conexões entre os fluxos de trabalhadores e de postos de trabalho, devendo conter dados sobre os trabalhadores e sobre as empresas, para que se possa relacionar, utilizando um campo comum, a admissão x com o despedimento y , com a criação ou destruição de emprego x , y ou simplesmente a ausência de variação no emprego.

1.3 Comportamento histórico

a) Nível internacional

Após a caracterização dos fluxos de emprego, apresentam-se alguns estudos, a nível internacional. O comportamento dos fluxos de emprego posteriormente referido concentra-se em dados antecedentes ao ano de 2005. A literatura existente foca, essencialmente, os fluxos de postos de trabalho, uma vez que os fluxos de trabalhadores exigem o acesso de informação detalhada das empresas, de acesso restrito.

Tabela 1 – Comparação internacional de fluxos de postos de trabalho, valores médios anuais, 1983-2005

		DK	FR	DE	IT	NZ	RU	US	PT
Criação de postos de trabalho	Total	16,0%	10,2%	9,0%	12,3%	15,7%	15,2%	13,0%	14,0%
	Novas empresas	6,1%	4,0%	2,5%	3,9%	7,4%	5,4%	8,4%	5,6%
	Expansão de empresas	9,9%	6,2%	6,5%	8,4%	8,3%	9,8%	4,6%	8,4%
Destruição de postos de trabalho	Total	13,8%	10,3%	7,5%	11,1%	19,8%	14,5%	10,4%	11,4%
	Encerramento de empresas	5,0%	3,7%	1,9%	3,8%	8,5%	7,3%	7,3%	4,4%
	Contração de empresas	8,8%	6,6%	5,6%	7,3%	11,3%	7,2%	3,1%	7,0%
Variação líquida do emprego		2,2%	-0,1%	1,5%	1,3%	-4,1%	0,7%	2,6%	2,6%
Rotação de postos de trabalho		29,8%	20,5%	16,5%	23,4%	35,5%	29,7%	23,4%	25,4%

Fonte: Elaboração própria com base na informação do artigo Centeno *et al.* (2007), pp. 98.

No estudo Centeno *et al.* (2007), com o objetivo de observar os fluxos de postos de trabalho internacionais, para o período entre 1983 a 2005, conclui-se que as maiores taxas de criação e destruição são obtidas pela Dinamarca, Nova Zelândia e Reino Unido, sendo sobretudo impulsionadas pela expansão de empresas e pela contração de empresas, respetivamente. Dos valores apresentados, os fluxos de postos de trabalho na economia portuguesa são semelhantes face aos restantes. No que concerne à variação líquida de emprego, em termos internacionais, esta taxa assume valores baixos, devido à dinâmica resultante das taxas de criação e destruição. O mesmo não pode ser referido sobre a rotação dos postos de trabalho, uma vez que, devido aos fluxos de postos de trabalho serem bastante elevados, provocam um nível elevado de rotação de postos de trabalho na maioria dos países, na ordem dos 20-30%.

Tabela 2 – Comparação internacional de fluxos de rotação, valores médios anuais, 1990-2005

	Média	Portugal	Reino Unido	Alemanha
Rotação de postos de trabalho	22,0%	23,0%	30,0%	18,0%
Rotação de trabalhadores	35,0%	35,0%	40,0%	30,0%
Churning rates	13,0%	12,0%	10,0%	12,0%

Fonte: Elaboração própria com base em OCDE (2009), pp. 129.

Aprofundando os fluxos de rotação, quer de postos de trabalho quer de trabalhadores, o estudo OCDE (2009), apresenta conclusões por país, no período compreendido entre 1990 e 2005. Nos países da OCDE, os fluxos de rotação são elevados e divergentes de país para país. Em média, as taxas de rotação de postos de trabalho situaram-se nos 22% enquanto as taxas de rotação dos trabalhadores atingiram os 35%. Os fluxos de trabalhadores são claramente superiores aos fluxos de postos de trabalho, ou seja, por cada posto de trabalho criado ou destruído são contratados ou despedidos mais do que um trabalhador. O país que apresentou o maior nível de rotação, tanto de postos de trabalho como de trabalhadores, foi o Reino Unido e em contraponto a Alemanha mostrou os valores mais baixos. Portugal ocupou a terceira posição nos países que apresentaram a maior rotação dos fluxos, alcançando os 35% nos fluxos de trabalhadores e 23% nos fluxos de postos de trabalho.

Uma vez que o Reino Unido é dos países que apresenta as taxas de rotação mais elevadas é de particular interesse o estudo proposto por Anyakide Danes *et al.* (2011), que consiste na análise de fluxos de postos de trabalho no Reino Unido, desde 1998 até 2010. Neste estudo, estima-se que a taxa de criação de emprego representou, em 2010, os 11% sendo originada sobretudo pela expansão de empresas (8%). Por outro lado, apresentou uma taxa de destruição de 15% gerada principalmente pela contração de empresas (9%). Assim, verifica-se que as variações positivas de emprego não compensaram as negativas, existindo uma variação líquida negativa de emprego, em 2010. Ao longo do período de análise, a composição da taxa de criação de postos de trabalho foi semelhante, o que indicia que os fluxos de criação pela expansão das empresas foram sempre superiores aos fluxos de novas empresas, sendo os principais impulsionadores dos resultados obtidos. O mesmo não se verificou na taxa de destruição de postos de trabalho, uma vez que os fluxos obtidos por empresas que encerram atividade nem sempre foram superiores aos fluxos originados pelas empresas que contraem

atividade. A nível agregado, a rotatividade dos postos de trabalho no período considerado foi moderada e sofreu um ligeiro decréscimo ao longo dos anos, apresentando o valor de 26% em 1998 e 20% em 2010, na qual a principal causa consistiu na diminuição dos fluxos de criação de postos de trabalho.

b) Nível Nacional

Pretende-se elaborar um retrato das principais conclusões relativas aos fluxos no mercado de trabalho para a economia portuguesa. As obras dos autores que serão citados abrangem os fluxos desde a década de 1990 até ao ano de 2015, sensivelmente.

Tabela 3 – Fluxos de postos de trabalho na economia portuguesa, valores anuais, 1996-2005

	1996	2000	2005	Média
Criação de postos de trabalho	12,4%	16,3%	13,1%	14,1%
Destruição de postos de trabalho	10,5%	11,4%	11,4%	11,4%
Variação líquida do emprego	1,9%	4,9%	1,7%	2,6%
Rotação de postos de trabalho	22,9%	27,6%	24,4%	25,5%

Fonte: Elaboração própria com base na informação do artigo Centeno *et al.* (2007), pp. 82.

O artigo Centeno *et al.* (2007) apresenta a análise dos fluxos de postos de trabalho na economia portuguesa, entre 1996-2005. Observa-se que as taxas de criação e destruição de emprego em Portugal, desde 1996, foram elevadas e comparáveis às restantes economias desenvolvidas. A taxa de criação de postos de trabalho nesse período correspondeu, em média, a 14,1% enquanto a taxa de destruição de emprego atingiu os 11,4%, impulsionados sobretudo pela expansão (65%) e contração de empresas (60%), respetivamente. Relativamente à tendência de evolução, verificou-se um perfil de descidas sucessivas da taxa de criação de emprego, entre 2001 e 2005, e um aumento da taxa de destruição, seguida de um abrandamento. Os autores concluíram que a deterioração do ciclo económico afetou, principalmente, a capacidade de criação de emprego.

Tabela 4 – Fluxos de emprego na economia portuguesa, valores anuais, 2001-2006

		2001	2004	2006	Média
Fluxos de postos de trabalho	Criação	17,1%	12,1%	11,3%	13,5%
	Destruição	9,7%	12,3%	11,1%	11,8%
Fluxos de trabalhadores	Contratação	30,6%	23,9%	23,5%	26,1%
	Separação	23,3%	24,0%	23,3%	24,4%

Fonte: Elaboração própria com base na informação do artigo Centeno *et al.* (2008), pp.72.

Posteriormente, no artigo Centeno *et al.* (2008) observa-se os fluxos dos trabalhadores, nomeadamente, os fluxos de contratação e separação para a economia portuguesa, entre 2001 e 2007. Em termos agregados, os fluxos de trabalhadores são praticamente o dobro dos fluxos de postos de trabalho, ou seja, o ajustamento do nível de emprego das empresas ocorre muito para além das necessidades que as mesmas apresentam. Em média, segundo os autores referidos, nas empresas em expansão, a criação de 100 empregos num ano implicou a admissão de 180 trabalhadores e a separação de 80, existindo uma rotação excessiva de 80%. No caso das empresas em contração, a redução do nível de emprego em 100 trabalhadores implicou a separação de 160 trabalhadores e a contratação de 60, originando uma rotação excessiva de 60%. Ou seja, as empresas em expansão destruíram uma fração inferior da sua força de trabalho do que as empresas em contração. Do mesmo modo, as empresas em contração de emprego contrataram uma percentagem de novos trabalhadores menor do que aquelas empresas que se encontram em expansão. Os resultados apontam no sentido da existência de uma forte heterogeneidade nos fluxos de rotação, quer face às características dos trabalhadores, quer face às características das empresas. Em termos de comparação internacional, os resultados apresentados são, no geral, coincidentes com os obtidos em estudos para outros países, relevando uma significativa rotação de trabalhadores.

Tabela 5 – Fluxos de emprego na economia portuguesa, valores trimestrais, 2007-2012

		2007	2012	Variação
Fluxos de postos de trabalho	Criação	129 294	70 605	-2,60%
	Destruição	98 229	124 541	1,16%
Fluxos de trabalhadores	Contratação	244 174	142 178	-4,51%
	Separação	213 100	196 114	-0,75%

Fonte: Elaboração própria com base na informação do artigo Banco de Portugal (2013), pp.34.

Os fluxos de emprego, entre 2007 e 2012, foram compilados com base em Banco de Portugal (2013). Relativamente aos fluxos de postos de trabalho, observa-se que até ao final do ano 2007, a economia portuguesa apresentou poucas oscilações de emprego visto que a criação era aproximadamente igual ao emprego destruído. Porém, a partir da crise financeira de 2008, assiste-se a perdas sistemáticas de emprego, sobretudo impulsionadas pela diminuição dos fluxos de criação. De acordo com os autores, 2/3 dessa diferença resultam da menor dinâmica das empresas em expansão que consequentemente criam menos postos de trabalho, e por outro lado, o restante 1/3 justifica-se pela maior redução do emprego em empresas em contração. No que concerne aos fluxos de trabalhadores, verificou-se, uma diminuição pronunciada das contratações (-4,51%), entre 2007 e 2012, representado por 140 mil novos contratos ao invés de 240 mil, aproximadamente. Apesar da fase recessiva, também se notou uma redução das separações de aproximadamente 1% no conjunto das empresas portuguesas. Um dos problemas associados ao mercado de trabalho português é, segundo os autores, a elevada rotação de trabalhadores. No período respetivo, as empresas portuguesas substituíram cerca de 8 trabalhadores por trimestre. No entanto, na evolução dos fluxos de rotação de trabalhadores ao longo do período observou-se uma diminuição dos valores apresentados.

Destacando um período historicamente marcante, Carneiro *et al.* (2014) investigaram o mercado de trabalho português, em termos de fluxos de postos de trabalho, no contexto da recessão de 2008. Concluíram que, no decorrer da crise económica portuguesa, se verificou uma enorme contribuição da destruição de emprego, particularmente devido ao encerramento de empresas, para o declínio do emprego total e aumento da taxa de desemprego. Segundo os autores, anteriormente à recessão de 2008, Portugal apresentava défices macroeconómicos graves - anémico crescimento da produtividade, défice orçamental elevado e défice da conta corrente muito elevado. A resposta governamental à crise financeira internacional consistiu em manter a estabilidade do setor financeiro e aumentar a despesa pública, que no entanto, não foram suficientes tendo sido necessário acordar um plano de resgate em 2011. A crise financeira internacional conjugada com os défices excessivos e o cumprimento dos requisitos do plano de resgate originaram uma recessão interna e elevadas taxas de desemprego em Portugal. A crise de 2008 apresentou três características particulares que influenciaram, e amplificaram, a resposta dos empregadores no mercado de trabalho português: graves

restrições ao crédito, rigidez salarial e segmentação do mercado de trabalho. As restrições ao crédito, para as empresas não financeiras, desempenharam um papel significativo no processo de destruição postos de trabalho. De acordo com os dados, verifica-se que as taxas de juro portuguesas relativas a novos empréstimos aumentaram desde o início de 2009, para além de serem distintas e superiores às apresentadas nos restantes países. A rigidez salarial esteve associada a menor criação líquida de emprego. Os dados refletem um congelamento dos salários em resposta à crise de cerca de 40%, em 2009. Por último, a segmentação de mercado favoreceu a grande destruição de postos de trabalho que foi facilitada pelo aumento do número de trabalhadores temporários. Entre 2003 e 2008, o emprego temporário aumentou duas vezes mais que o emprego permanente e fomentou a uma maior destruição de emprego. Concluindo, segundo os autores referidos, a resposta da economia portuguesa perante a crise económica foi caracterizada por uma significativa queda da criação de emprego, mas no entanto, é na destruição de postos de trabalho que reside o principal problema, sobretudo devido ao encerramento de empresas.

1.4 Fluxos de emprego e o ciclo económico

Com a elaboração deste subcapítulo pretende-se apurar, com base no comportamento dos indicadores de atividade económica, qual a fase do ciclo económico que decorria na economia portuguesa, durante o período entre 2008 e 2012, de modo a estabelecer, posteriormente, conclusões entre os resultados alcançados para os fluxos de emprego e o ciclo económico.¹

As fases dos ciclos económicos, ocorridas nas economias, claramente, influenciam os fluxos de emprego. Segundo Burns and Mitchell (1946), os ciclos económicos são definidos como “... *a type of fluctuation found in the aggregate economic activity of nations that organize their work mainly in business enterprises: a cycle consists of expansions occurring at about the same time in many economic activities, followed by similarly general recessions, contractions, and revivals which merge into the expansion phase of the next cycle; this sequence of changes is recurrent but not periodic; in duration business cycles vary from more than one year to ten or twelve years; they are not divisible into shorter cycles of similar character with amplitudes approximating their own.*”² Assim, é necessário estudar o comportamento do ciclo económico, através das flutuações na atividade económica, de modo a compreender as variações nos fluxos de emprego, numa determinada economia. Segundo os autores referidos, as flutuações na atividade económica podem ser observadas por indicadores de ciclo que permitem monitorizar, detetar passagem de fases e efetuar previsões da evolução económica futura. Esta abordagem, denominada de abordagem dos indicadores, consiste na análise de indicadores económicos, como por exemplo, o produto interno bruto (PIB), ou mais concretamente, a evolução do PIB em taxas de variação homólogas, que possibilitam a análise da economia no curto prazo. Perante esta abordagem macroeconómica, de um modo geral, observa-se uma fase de expansão do ciclo económico se existirem flutuações positivas do produto interno bruto em torno da sua tendência de longo prazo. Consequentemente existirá um maior nível de consumo e produção, originando um aumento dos lucros das empresas, o que implica uma procura adicional de força de trabalho, o que, direta ou indiretamente contribui para uma variação positiva do emprego

¹ Pretende-se apurar quais os impactos da fase do ciclo económico nos fluxos de emprego, nomeadamente, quais os fluxos de postos de trabalho e fluxos de trabalhadores que foram mais afetados.

² Burns and Mitchell (1946), pp.3.

de uma determinada economia, durante um determinado período de tempo. Observa-se uma fase de recessão do ciclo económico, quando o comportamento é o oposto.

Tabela 6 – Principais indicadores económicos em Portugal, taxas de variação homóloga, 2008-2012

Indicadores Económicos	2008	2009	2010	2011	2012
PIB real	0,2	-3,0	1,9	1,8	-4,0
Consumo privado	1,4	-2,3	2,4	-3,6	-5,5
Consumo público	0,4	2,6	-1,3	-3,8	-3,3
Formação bruta de capital fixo	0,4	-7,6	-0,9	-12,5	-16,6
Exportações de bens e serviços	-0,3	-10,2	9,5	7,0	3,4
Importações de bens e serviços	2,5	-9,9	7,8	-5,8	-6,3
Hiato do produto	0,4	-2,6	-0,8	-2,2	-5,0
Taxa de desemprego (%)	8,8	10,7	12,0	12,9	15,8

Fonte: Elaboração própria com base na informação do artigo Comissão Europeia (2016), pp 13.

O período em estudo foi marcado pelos efeitos da crise do Subprime, crise financeira iniciada no ano 2006, nos Estados Unidos da América, devido ao encerramento de importantes instituições de crédito que concediam empréstimos hipotecários de elevado risco. Porém, em Portugal, os efeitos da crise financeira internacional apenas se evidenciaram nos indicadores macroeconómicos, no ano 2008, pelo abrandamento da atividade económica, e principalmente no ano de 2009, sucedendo-se uma forte queda da taxa de variação homóloga do PIB real, originando uma diminuição acentuada de todos os indicadores de atividade económica apresentados, exceto, a taxa de desemprego que sofreu, naturalmente, uma subida generalizada. Perante o comportamento dos indicadores de atividade económica, particularmente do hiato do produto³, durante o período entre 2009 e 2012, conclui-se que a economia portuguesa foi claramente marcada por uma fase de recessão do ciclo económico. Ou seja, existiram flutuações negativas do produto interno bruto em torno da sua tendência de longo prazo, provocando, consequentemente, um menor nível de produção e consumo, e simultaneamente, de investimento, o que

³ O Hiato do produto consiste na diferença entre o PIB real e o PIB potencial.

originou a diminuição dos lucros das empresas e uma menor força de trabalho requerida pelas empresas. Assim, a evolução dos indicadores económicos apontam para que tenha havido uma variação negativa do emprego no período, provocada, direta ou indiretamente, pela fase do ciclo económica decorrida.

Capítulo 2 – Setor do Turismo

2.1 Enquadramento e definições

Visto que o estudo dos fluxos de emprego nesta dissertação se concentra, particularmente, no setor do turismo, torna-se imprescindível apresentar uma caracterização do mesmo. O turismo é um motor fundamental para o progresso socioeconómico, uma vez que garante o crescimento das economias através da ligação entre pessoas, serviços e infraestruturas de suporte. De acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), em 2015, este setor constituiu 10% do PIB Mundial, proporcionou a criação de 1 em cada 11 empregos, gerou 1,5 mil milhões de dólares em exportações, representou 6% do comércio internacional e contribuiu para 30% das exportações de serviços.

Para analisar a estrutura do setor do turismo, e acompanhar a sua evolução, é necessário definir os conceitos relevantes para o estudo em causa. De acordo com Bernardo (2013), não se sabe ao certo quando o Homem iniciou a prática do turismo, mas o primeiro conceito formal remonta a 1911, instituído pelo economista austríaco Hermann Schattenhofen que o definiu como a “ (...) soma das operações, especialmente as de natureza económica, diretamente relacionadas com a entrada, permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região.”. O conteúdo da definição descrita é restritivo, uma vez que enfatiza os fenómenos económicos e abrange unicamente as relações internacionais. Ao longo dos anos, diversos conceitos foram surgindo, porém, apresenta-se unicamente a definição de turismo da OMT, devido à credibilidade que a organização possui. Segundo o relatório United Nations and World Tourism Organization (1994) o turismo consiste em “ ... activities of persons traveling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business and other purposes”.

O setor do turismo engloba um conjunto diversificado de atividades, fornecendo os vários bens e serviços procurados pelos visitantes. Essas atividades, denominadas de atividades de turismo, compreendem todos os estabelecimentos nos quais a atividade principal está relacionada com a disposição de bens e serviços turísticos. As atividades turísticas podem ser classificadas como específicas e não específicas. Em consonância com a publicação do Turismo de Portugal, Turismo de Portugal (2009), as atividades

específicas são constituídas por bens e serviços que estão diretamente relacionados com a atividade turística. Isto significa que na ausência de visitantes, estes bens e serviços teriam um nível de consumo praticamente nulo, e no limite, as empresas não os produziram. Estas atividades subdividem-se entre atividades características e atividades conexas. As atividades características são aquelas que tem como função produtiva principal servir as necessidades dos visitantes. As atividades conexas são atividades em que a função produtiva principal é o auxílio às atividades turísticas, como por exemplo, a existência de transportes ferroviários, serviços fotográficos, entre outros. Por outro lado, as atividades não-específicas consistem em bens e serviços que não estão diretamente relacionados com a atividade turística, mas que podem ser objeto de consumo por parte dos visitantes.

Devido à transversalidade associada ao setor do turismo, agregando diversos tipos de atividades, não é possível estabelecer uma única secção de classificação das atividades económicas (CAE) e a mensuração dos fluxos do turismo pode ser apresentada de forma direta ou indireta. De acordo com a Classificação Portuguesa das Atividades Económicas, revisão 3 (CAE – Rev.3), referida em Instituto Nacional de Estatística (2007), o turismo direto agrega todas as atividades económicas que contém uma maior ligação às atividades turísticas, ou seja, incluiu o Alojamento e Restauração (generalidade da secção I), o Transporte e a Logística (abrange parte da Secção H e N) e as Atividades Recreativas e Culturais (compreendem parte da Secção N, R e S).

A agregação de diversas atividades económicas na composição do setor do turismo influencia a coerência e credibilidade das estatísticas. A informação estatística é um instrumento útil quer na definição e avaliação do impacto das medidas políticas estabelecidas, quer na gestão corrente de atividades empresariais, como por exemplo, no planeamento e desenvolvimento de novos produtos turísticos e estratégias associadas por parte das empresas. O reconhecimento do turismo na economia tem impulsionado as grandes organizações internacionais (OMT, OCDE, EUROSTAT) a cooperar no desenvolvimento de uma metodologia estatística adequada. Em Portugal, a 19 de Junho de 1991, foi criado um grupo de trabalho com o intuito de agrupar a análise estatística nacional do turismo. Este grupo é constituído pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), antiga Direção Geral de Turismo (DGT) agora denominado de Turismo de Portugal (IP), Investimento, Comércio e Turismo de Portugal (ICEP) e o Banco de Portugal (BP). A

análise estatística nacional engloba um conjunto de relatórios - mensais e/ou anuais – com a descrição de diversas variáveis (chegadas de turistas, receitas turísticas, movimento nos estabelecimentos hoteleiros e similares, entre outros). Tratam-se de estatísticas bastante completas e atualizadas, com séries de caráter longo e níveis regionais desagregados. Um instrumento analítico útil é a Conta Satélite do Turismo (CST). Segundo o INE, Instituto Nacional de Estatística (2008), a CST “...*consiste num sistema de informação integrada, que tem como objetivo principal apresentar, as atividades e produtos relacionados, direta ou indiretamente, com o Turismo*”. Ou seja, é uma ferramenta estatística que pretende medir a importância do setor do turismo na economia. O uso da CST revela ser uma melhor alternativa face à utilização de dados extraídos diretamente das Contas Nacionais, segundo os autores referidos, uma vez que apenas regista as atividades produtivas que contribuem potencialmente para o turismo, bem como o volume proporcional de produção utilizada com fins turísticos. Já as Contas Nacionais registam a totalidade das atividades de produção, independentemente do objetivo da sua utilização. Deste modo, o desenvolvimento da Conta Satélite do Turismo permitirá que o turismo seja medido com precisão e comparado com outros setores económicos. Porém, em 2010, a CST deixou de ser utilizada pelas entidades do turismo em Portugal, no entanto, já foi reativada, no ano 2016, com o intuito de reforçar o crescimento do setor, sendo os primeiros resultados conhecidos em 2017.

2.2 Comportamento histórico

O objetivo deste subcapítulo consiste em apresentar, sinteticamente, a evolução das principais variáveis associadas ao setor do turismo, tanto a nível mundial como a nível nacional.

a) Turismo Mundial

O setor do turismo apresentou, a nível internacional, indicadores de crescimento sustentável durante o início da primeira década do século XXI. Porém, no ano 2008 o ritmo de crescimento revelou-se mais lento, seguindo-se de uma contração de atividade em 2009. A crise económica provocou uma queda acentuada das chegadas de turistas internacionais e, consequentemente, das receitas do turismo. Em 2009, observa-se que as chegadas de turistas internacionais totalizaram 891 milhões, em todo o mundo, ou seja, corresponderam a menos 37 milhões do que o observado em 2008.

Tabela 7 – Chegadas de Turistas Internacionais, a nível mundial, em milhões, 2004-2014

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Chegadas de turistas internacionais	764	809	854	910	927	891	949	997	1 038	1 087	1 135

Fonte: Turismo de Portugal (2015a), pp.7 e World Tourism Organization (2014), pp.11.

Apesar dos efeitos negativos provocados pela crise económica, a resiliência do setor foi comprovada, desde 2010, através da dinâmica de crescimento favorável apresentada. De acordo com o relatório anual da OMT, World Tourism Organization (2014), as chegadas de turistas internacionais exibiram, desde 2010, uma taxa de crescimento anual de 6,5%, isto é, superior à taxa de crescimento média anual de longo prazo de 3,8%, prevista entre 2010 e 2020.

No entanto, apesar da rápida recuperação do setor do Turismo, em 2010, os dados disponibilizados pela OMT apontam para um abrandamento da atividade turística, nos recentes anos. Em 2014, observa-se que as chegadas de turistas internacionais atingiram o montante de 1 135 milhões, ou seja, o crescimento anual foi ligeiramente inferior ao do ano anterior. A Europa concentrou mais de metade dos turistas internacionais, em 2014, representando 51% das chegadas de turistas internacionais, seguida pela região de Ásia e Pacífico (23%), América (16%), África (5%) e Médio Oriente (4%).

Tabela 8 – Receitas de Turismo Internacional, a nível mundial, em mil milhões de euros, 2004-2013

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Receitas de turismo internacional	509	563	610	644	657	632	728	776	868	901

Fonte: Turismo Portugal (2015a), pp. 11.

Do mesmo modo, as taxas de crescimento anuais dos proveitos do turismo desaceleraram, evidenciando, mais uma vez, o abrandamento da atividade turística nos recentes anos. No ano 2014, de acordo com o artigo World Tourism Organization (2014), as receitas de turismo internacional ascenderam, aproximadamente, a 920 mil milhões de euros. A Europa representou, 43% do total das receitas, seguida pela região de Ásia e Pacífico (30%), América (20%), Médio Oriente (4%) e África (3%). Apesar de a Europa deter o maior share das receitas turísticas, tem vindo a perder peso no top 10 nos últimos 12 anos.

Os contributos do turismo na economia mundial foram notórios, entre 2000 e 2010, criando riqueza, emprego e investimento. Segundo o documento Banco Espírito Santo (2013), durante o período considerado, a contribuição direta do turismo para o PIB Mundial cresceu 9,7%. No que concerne ao mercado de trabalho, o setor contribuiu adicionalmente para 8,3% para o emprego direto, sendo equivalente à criação de 7 milhões de postos de trabalho. Por outro lado, o investimento efetuado no setor cresceu 41,8%, no período referenciado. As atividades do turismo, sendo responsáveis por mais de 9% do PIB Mundial, em 2010, superam o peso de outros setores na economia, como a indústria automóvel, a indústria mineira e a indústria química, no que respeita à contribuição para o PIB Mundial. A relevância deste setor é particularmente marcante ao nível do emprego. Segundo o efeito multiplicador do turismo na economia, estima-se que no caso da criação de emprego, por cada 1 milhão de dólares gasto no setor, gera-se, em média, 50 empregos.

b) Turismo Nacional

Após a crise financeira internacional, o setor do turismo em Portugal destacou-se pela recuperação generalizada e sustentável. As inúmeras vantagens competitivas associadas ao turismo português, nomeadamente, a localização geográfica, os recursos naturais, o clima, o património histórico e cultural, as praias, a segurança e a afluência

proporcionaram efeitos positivos nos principais indicadores de performance internacional. Os resultados do Índice de Competitividade Viagens e Turismo 2015, referido no relatório Turismo de Portugal (2015b), mostram que Portugal se encontrava no 15º lugar, num total de 141 países, no ranking de competitividade a nível global. Por outro lado, a economia portuguesa posicionou-se no 35º lugar do ranking a nível das chegadas de turistas não residentes em 2011, segundo os dados da OMT. Ao nível das receitas de turismo internacional, Portugal ocupou a 28º lugar, em 2012, posicionando-se à frente de grandes países recetores de turismo, como a Itália e a Grécia. E, de acordo com a publicação Instituto Nacional de Estatística (2015), Portugal também apresentou, em 2014, a 4ª posição dos países da União Europeia com maior saldo da balança turística, atingindo os 7,1 milhões de euros.

Tabela 9 – Balança Turística (BT), saldo em milhões de euros e peso no PIB (%), 2004-2014

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Saldo B.T	3 971	3 744	4 014	4 533	4 501	4 196	4 648	5 172	5 660	6130	7 076
Peso da BT no PIB	2,7%	2,4%	2,5%	2,7%	2,6%	2,5%	2,7%	3,4%	3,4%	3,6%	4,1%

Fonte: Turismo de Portugal (2015a), pp. 17, Costa e Palmeira (2013), pp. 14 e Instituto Nacional de Estatística (2015), pp. 26.

A Balança Turística, ano após ano, gerou saldos positivos e crescentes, contribuindo para a diminuição do défice da balança corrente, uma vez que o crescimento das receitas designou-se mais favorável do que o das despesas. No ano 2014, o saldo da Balança Turística atingiu 7 076 milhões de euros, representando 4,1% do PIB português e registando a interrupção da tendência de abrandamento do crescimento.

Tabela 10 – Receitas Turísticas (RT), em milhões de euros e peso no PIB (%), 2004-2014

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Receitas turísticas	6 195	6 199	6 672	7 402	7 440	6 908	7 601	8 146	8 606	9250	10 394
Peso das RT no PIB	4,1%	4,0%	4,1%	4,4%	4,3%	4,1%	4,4%	4,8%	5,2%	5,5%	6,0%

Fonte: Turismo de Portugal (2015a), pp. 16, Costa e Palmeira (2013), pp. 1, Instituto Nacional de Estatística (2015), pp. 25 e Turismo de Portugal (2015b), pp. 34.

As Receitas Turísticas também apresentaram, ao longo dos anos, uma tendência de crescimento contínua, superando o patamar dos 10 mil milhões de euros, em 2014. O aumento do montante das receitas tem contribuído favoravelmente para o PIB, representando, em 2014, aproximadamente, 6,0% do PIB. Segundo o artigo Instituto Nacional de Estatística (2015), os principais mercados emissores (França, Reino Unido, Espanha e Alemanha) contribuíram para 58% das receitas turísticas de Portugal, em 2014. Contudo, também os mercados emergentes têm vindo a demonstrar a sua importância para as receitas turísticas. Em 2012, com base em Banco Espírito Santo (2013), Angola revelou ser o 5º mercado mais importante, a nível de receitas, para o país, abandonando a 10ª posição alcançada em 2009.

Tabela 11 – Consumo do Turismo no Território Económico (CTTE), em milhões de euros e peso no PIB (%), 2004-2010

Ano	2004	2005	2008	2009	2010
CTTE	11 551	12 792	15 776	14 797	15 960
Peso do CTTE no PIB	9,1%	8,3%	9,2%	8,8%	9,2%

Fonte: Turismo de Portugal (2011), pp. 4 e 5.

Do mesmo modo, a procura turística em Portugal foi marcada por um comportamento progressivo, entre 2004 e 2010. O CTTE ascendeu, aproximadamente, a 16 mil milhões de euros, em 2010, correspondendo a 9,2% do PIB, recuperando da quebra observada em 2009. De acordo com o Turismo de Portugal, Turismo de Portugal (2011), o relançamento do consumo turístico foi sobretudo impulsionado pelo consumo de turismo recetor, ou seja, efetuado por turistas não residentes, representando 55,4% do total de consumo turístico, em 2009. O consumo de turismo recetor cresceu a uma taxa média anual de 2,9%, no período em análise, enquanto o consumo do turismo interno à taxa média anual de 2,4%. As atividades “Alojamento, Restauração e Bebidas” e “Transporte de Passageiros” geraram o maior contributo para o CTTE representando no conjunto mais de 70% do consumo turístico no território económico em 2008. No mesmo ano, os produtos característicos do turismo concentraram 83,8% do valor total, enquanto os produtos conexos registaram 7,1% e os produtos não específicos totalizaram 9,2%.

A importância do setor do turismo é transmitida, simultaneamente, através dos principais indicadores macroeconómicos. Segundo os dados divulgados no relatório

World Travel & Tourism Council (2015), o turismo em Portugal, no ano 2014, contribuiu para 6,0% do PIB, proporcionou a existência de 337 000 empregos diretos no setor, equivalente a 7,4% do emprego total, representou 20% das exportações totais e correspondeu a 9,4% do investimento total, revelando a sua relevância para a economia portuguesa.

2.3 Características dos trabalhadores

A diversidade de atividades económicas, tipos de estabelecimentos e contratos de trabalho tornam o turismo um setor peculiar. O mercado de trabalho alusivo às atividades turísticas é dinâmico, apresentando uma forte fonte de criação de emprego direto e indireto, denominando-se de um setor de trabalho intensivo. Para garantir o desenvolvimento eficaz do setor do turismo é necessário que exista uma força de trabalho qualificada que ostente competitividade e inovação.

As principais características dos trabalhadores e postos de trabalho no setor do turismo apresentam-se destacadas na publicação da EUROSTAT, Eurostat (2015). Em 2013, as atividades características do setor do turismo⁴, na UE, empregaram aproximadamente 3,2 milhões de indivíduos, dos quais 74 000 em Portugal.

Tabela 12 – Características dos trabalhadores, na UE, no ano 2014

Variáveis		Setor do Turismo	Total da Economia
Género	Masculino	42%	64%
	Feminino	58%	36%
Faixa etária	15-34	38%	32%
	35-54	48%	52%
	55+	15%	15%
Nível de escolaridade	Baixo	20%	20%
	Médio	52%	53%
	Alto	28%	27%
Regime de contrato	Completo	76%	83%
	Parcial	24%	17%
Tipo de contrato	Permanente	79%	86%
	Temporário	21%	14%

Fonte: Elaboração própria com base na informação do artigo Eurostat (2015).

De acordo com a informação estatística disponibilizada no artigo, em 2014, observa-se que o setor do turismo na UE apresentou uma percentagem superior de trabalhadores do sexo feminino (58%), predominando as idades compreendidas entre os

⁴ Neste artigo foram consideradas como atividades características do setor do turismo o “Alojamento”, “ Transporte Aéreo” e as “ Agências de viagens e Operadores turísticos”.

35 e 54 anos (48%), caracterizados pela acentuada existência de níveis de escolaridade baixo (20%), exercendo maioritariamente as suas funções em regime de contrato a tempo completo (76%) e apresentando o tipo de contrato permanente como o mais comum (79%). Comparando o setor do turismo face ao total da economia, em 2014, na UE, conclui-se que os trabalhadores em atividades turísticas são predominantemente mulheres, contrariamente ao verificado no total da economia. Por outro lado, o turismo detém uma força de trabalho mais jovem do que o total da economia. Relativamente ao nível de escolaridade, o setor do turismo, tal como o total da economia, é marcado pela presença, ainda elevada, de trabalhadores com níveis de escolaridade baixos, porém, o nível de escolaridade médio é o que predomina. No que concerne ao regime de contrato, observa-se uma percentagem superior de contratos com regime de contrato a tempo parcial no setor face ao total da economia. E por último, existe uma percentagem superior de trabalhadores com tipo de contrato temporário, revelando uma menor estabilidade dos empregos no setor, face ao total da economia.

As características dos trabalhadores no setor do turismo em Portugal não divergem das tendências apresentadas para o setor na União Europeia, como se verifica pela observação da tabela abaixo assente em determinadas variáveis referidas anteriormente.

Tabela 13 – Características dos trabalhadores, em Portugal, no ano 2007

Variáveis		Sector do Turismo	Total da Economia
Faixa etária	15-24	12,1%	8,4%
	25-44	51,6%	50,8%
	45+	36,3%	40,2%
Nível de escolaridade	Sem escolaridade	1,7%	5,3%
	Ensino Básico	67,5%	65,5%
	Ensino Secundário	23,4%	15,0%
	Ensino Superior	7,4%	14,2%

Fonte: Elaboração própria com base no artigo Turismo de Portugal (2011), pp. 31 e 33.

O nível de escolaridade do setor do turismo em Portugal apresenta algumas diferenças face ao observado na UE. Os níveis de escolaridade dos trabalhadores do setor do turismo em Portugal caracterizam-se pela percentagem inferior de trabalhadores sem escolaridade face ao total da economia, mas, no entanto, a percentagem de trabalhadores com habilitações ao nível do ensino superior é menos acentuada do que a percentagem observada no total da economia portuguesa.

Capítulo 3 – Questões de Investigação

3.1 Descrição da Base de dados

Perante a eclosão da crise financeira de 2008, o mercado de trabalho português, sofreu, inclusive, alterações nefastas a nível de emprego. O objetivo do estudo consiste em analisar de forma quantitativa o modo como os empregadores, e trabalhadores associados, defrontaram o período de recessão económica em termos de ajustamento dos fluxos de emprego. Para tal, no período de 2008 a 2012, interpreta-se os fluxos de criação e destruição de emprego alusivos à atuação das forças da procura de trabalho, ou seja, a atuação exercida pelos empregadores e os fluxos de admissão e separação referentes às forças da oferta de trabalho, ou seja, que referem o impacto repercutido nos trabalhadores. Posteriormente, será estabelecida, através das conclusões obtidas, uma correlação entre os fluxos de emprego no período e o ciclo económico.

O estudo consiste na utilização dos dados dos Quadros de Pessoal (QP), uma fonte administrativa constituída pela recolha de informação detalhada sobre os trabalhadores no setor privado em Portugal que permite a caracterização das empresas, estabelecimentos e das pessoas ao serviço dos mesmos. Através de um questionário padronizado, de carácter legal obrigatório, todos os anos no mês de Outubro, esta base de dados fornece informação sobre todas as empresas portuguesas que contenham pelo menos um trabalhador por conta de outrem. Porém, os trabalhadores da Administração Pública não são abrangidos, assim como os trabalhadores por conta própria e trabalhadores familiares não remunerados. A informação reportada, atualmente, é da responsabilidade do Gabinete de Estratégia e Estudos (GEE) do Ministério da Economia. Estima-se que o conjunto de dados desta base de dados contém informações anuais sobre, aproximadamente, 350 000 empresas, 400 000 estabelecimentos e 3 milhões de trabalhadores.

Os dados disponibilizados pelos QP estão subdivididos em empresas, estabelecimentos associados e respetivos trabalhadores que as constituem. No que concerne às empresas, dispõe de uma vasta lista de variáveis disponíveis para além do seu número de identificação único, tais como, a localização, a natureza jurídica, o capital social, o número de estabelecimentos, o número de trabalhadores, a atividade principal exercida segundo a CAE em vigor, o ano de constituição e o volume de vendas.

Relativamente aos estabelecimentos, as variáveis existentes proporcionam informação sobre o número de identificação, a empresa a que pertencem, a sua localização, a atividade principal que executam e o número de trabalhadores. Para cada trabalhador, obtém-se conhecimento quanto ao seu número de identificação, ao estabelecimento e à empresa onde exercem a sua função, diversos dados demográficos (nacionalidade, sexo e idade), o nível de escolaridade, o nível de qualificações, a antiguidade na empresa, a data da última promoção, a categoria profissional, a situação profissional, a classificação nacional das profissões (CNP), o regime de duração do trabalho e o tipo de contrato. Adicionalmente, os QP também fornecem informação detalhada sobre os salários, tal como o tipo de remuneração, a remuneração base, eventuais prestações regulares e irregulares e o número de horas mensais remuneradas normais e extraordinárias.

A vantagem que os QP possuem sobre outras fontes estatísticas consiste no facto de esta base de dados conciliar informações sobre trabalhadores e empresas o que permite uma caracterização mais completa. Tal como referido no Capítulo 1⁵, Davis *et al.* (1996) ressaltam que o estudo aprofundado de fluxos de emprego deve conter dados isolados sobre os trabalhadores e sobre as empresas a que estes pertencem e, no final, conseguir relacionar estas duas esferas do mercado de trabalho através de uma variável em comum de modo a obter conclusões pertinentes. Isto é, uma determinada admissão e/ou despedimento deve ser relacionado com a criação e destruição de emprego, ou simplesmente com a ausência de variação de emprego. Num processo de criação e destruição de emprego, o que se torna mais prejudicial para uma economia pode nem ser o desemprego gerado, mas sim o processo de matching associado que tanto pode gerar uma nova combinação quase perfeita, como ter uma baixa probabilidade de sucesso e/ou demorar imenso tempo, acarretando grandes incertezas e custos. O estudo dos fluxos de emprego mostra esse processo, através dos fluxos de rotação, e como se observa, os dados dos QP reúnem todas as condições necessárias para a análise dos fluxos de emprego.

⁵ Capítulo 1, subcapítulo 1.2 relativo aos conceitos relevantes.

3.2 Construção da base de dados de interesse

Descreve-se, de seguida, o processo de recolha e tratamento dos dados, isto é, a base de dados construída, a partir da informação disponibilizada pelos QP.

a) Fluxos de Postos de Trabalho

Numa primeira fase, foram utilizados os ficheiros das empresas no período entre o ano 2007 e 2012. Os fluxos de postos de trabalho foram obtidos através da compilação da informação dos ficheiros anuais, pelo código de identificação de cada empresa (variável idemp).

De forma a evitar erros de reporte que pudessem condicionar os resultados, foi necessário estabelecer um conjunto de restrições. O primeiro critério consistiu em eliminar os registos de empresas com número de identificação igual a zero, uma vez que não poderiam ser seguidas ao longo do tempo. Posteriormente, o critério eliminatório consistiu em eliminar as empresas que não possuíssem trabalhadores nesse ano (variável pemp).

De seguida, foram criadas as duas principais variáveis dos fluxos de postos de trabalho ao nível da empresa: a criação e a destruição de emprego. Por definição e com recursos aos dados dos QP, identifica-se um fluxo de criação de postos de trabalho numa empresa, no ano t , quando a variação de emprego é positiva, ou seja, quando o número de pessoas ao serviço da empresa aumentou, entre os anos t e $t-1$. O somatório de todos os fluxos de criação por empresa origina o fluxo de criação de postos de trabalho de um setor num determinado ano. Estes fluxos podem ser subdivididos em nascimentos ou expansões de empresas. Deste modo, existe um fluxo de criação por expansão da empresa quando simultaneamente com o critério anterior existe registo de emprego no ano $t-1$ e trata-se de um fluxo de criação por nascimento da empresa se não existem registos de trabalhadores na empresa no ano $t-1$. Contrariamente, o fluxo de destruição de postos de trabalho numa empresa, no ano t , é dado pela diferença negativa de emprego, entre os anos t e $t-1$. O somatório de todos os fluxos de destruição de postos de trabalho por empresa origina a destruição de emprego de um setor, num determinado ano. Do mesmo modo, os fluxos de destruição também podem ser decompostos em contração ou encerramento de empresas. O fluxo de destruição por contração de uma empresa implica além da condição anterior a existência de trabalhadores na empresa nos anos t e $t-1$. Por

outro lado, o fluxo de destruição por encerramento de uma empresa envolve que não exista o reporte de emprego na empresa no ano t . Estes conceitos, economicamente, estarão aptos a captar quer os conceitos de novas e encerramento de empresas, como os conceitos de expansão e contração.

Posteriormente, estabeleceu-se as atividades económicas que se pretendiam para o apuramento dos dados, através da variável `caemp5d`, ou seja, a classificação de atividades económicas, revisão 3, a 5 dígitos. Visto que o setor do turismo engloba diversas atividades económicas e não apresenta uma conceção de atividades genericamente aceite, o cálculo dos fluxos neste estudo foi baseado nas atividades económicas consideradas no artigo Banco de Portugal (2014)⁶. Para este estudo foram analisados dois setores de atividade, nomeadamente, o setor do turismo e o setor dos serviços, e determinados segmentos de atividade económica do setor do turismo em particular, de modo a observar o impacto nos resultados obtidos. Para obter uma análise mais pormenorizada, os fluxos de emprego foram analisados, individualmente, para as atividades económicas de alojamento e de restauração. O Setor dos Serviços abrange todas as atividades terciárias da economia, isto é, de prestação de serviços, exceto o comércio uma vez que a sua inclusão poderia acarretar possíveis enviesamentos dos resultados, o que não é pertinente para o estudo.⁷ A escolha do Setor dos Serviços para estabelecer a comparação com os resultados obtidos para o Setor do Turismo resultou do facto de os serviços não abrangerem as atividades económicas relacionadas com agricultura e construção, ao contrário do total da economia, uma vez que poderiam influenciar nos resultados.

Em seguida, procedeu-se a uma caracterização mais detalhada dos fluxos de postos de trabalho pela Nomenclatura das Unidades Territoriais. O nível de NUTS considerado abrangeu as NUTS II, excluindo as ilhas e estrangeiro, ou seja, só foram observados os fluxos de criação e destruição de postos de trabalho para Portugal Continental (Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve).

Os dados apurados não representam claramente o impacto económico exercido nos fluxos de emprego devido às limitações que foram aparecendo à medida da execução dos programas. Existe uma possível sobrestimação dos resultados, pelo facto de não ter sido elaborada uma análise em painel agregando todos os anos dos ficheiros das empresas,

⁶ Para uma consulta mais pormenorizada ver documento Banco de Portugal (2014), pp 43-45.

⁷ Para consultar a descrição dos setores considerados, ver Anexo A, Tabelas A.1 e A.2.

mas sim uma junção de dois anos consecutivos dos ficheiros de forma a obter as taxas de variação anual. Por outro lado, no ano 2010 novas variáveis foram criadas e substituíram as que existiam anteriormente. A variável número de identificação da empresa, que consistiu na variável de agregação dos ficheiros das empresas, do ano 2009 para o ano 2010 alterou-se, e de modo a conseguir juntar a informação dos dois anos foi utilizada a variável antiga, processo que originou à perda de observações. Por último, a própria conceção da definição dos fluxos de postos de trabalho, como é o caso do encerramento de empresas, em que se considera que se a empresa não apresenta trabalhadores nesse ano é porque encerrou, pode gerar algumas discrepâncias face à realidade, uma vez que a mesma pode ter continuado em atividade. Um critério alternativo possível seria existir um período de referência de dois anos sem trabalhadores para se considerar o encerramento da empresa.

b) Fluxos de Trabalhadores

Posteriormente, foram retratados os ficheiros anuais de trabalhadores entre o período do ano 2007 a 2012. Com o intuito de calcular os fluxos de trabalhadores, foi necessário compactar a informação por empresa, trabalhador e por ano agregando os dados do período, por uma variável comum, que consistiu no código de identificação das empresas (variável idemp). Deste modo, a primeira etapa neste processo assentou na junção das empresas com os trabalhadores no ano $t-1$ e no ano t , respetivamente, e em seguida, a junção dos dois ficheiros anuais.

Mais uma vez, de forma a evitar lapsos que pudessem condicionar os dados, foram inseridos procedimentos iniciais de tratamento de dados para que os mesmos se tornassem consistentes para o estudo. O primeiro critério consistiu, pelos motivos expressos anteriormente, na exclusão de empresas em que o número de identificação associado era igual a zero. No momento da junção dos ficheiros das empresas com os ficheiros dos trabalhadores também se revelou necessário eliminar os trabalhadores que possuísem um número de identificação pouco verosímil, isto é, igual a zero, uma vez que não tendo sido atribuído número de identificação pela Segurança Social, não poderiam ser seguidos ao longo do período. Procedeu-se ainda à eliminação de observações que não tivessem compatibilidade nos ficheiros, ou seja, a existência de empresas que não estavam

associadas a registo de trabalhadores, pois não trariam benefícios de análise na amostra de estudo.

Para retratar os fluxos de trabalhadores, foram criados os conceitos de fluxo de admissão e fluxo de separação. Por definição e com recurso aos dados dos QP, identifica-se um fluxo de admissão, no ano t , quando qualquer trabalhador aceita uma proposta de trabalho de um empregador, ou seja, o trabalhador está ao serviço de uma empresa no ano t mas não se apresentava no ano $t-1$. O somatório de todos os fluxos de contratação origina o fluxo de contratação de trabalhadores de um setor num determinado ano. A empresa pode optar por contratar um novo trabalhador ou um trabalhador que já pertencesse ao mercado de trabalho. Existe um fluxo de contratação de um novo trabalhador no mercado de trabalho quando o trabalhador não apresentava número de identificação no ano $t-1$, mas apresenta no ano t . Por outro lado, existe um fluxo de contratação de um trabalhador já existente no mercado de trabalho quando o trabalhador possuía número de identificação nos anos $t-1$ e t , e simultaneamente, o número de identificação da empresa é distinto nos dois anos, ou seja, trata-se de uma substituição do posto de trabalho. Relativamente aos fluxos de separação, verifica-se um despedimento de um trabalhador, no ano t , quando existe o fim da relação entre um trabalhador e um empregador, isto é, quando o mesmo não se encontra ao serviço da empresa no ano t mas encontrava-se no ano $t-1$. O somatório de todos os fluxos de separação origina o fluxo de separação de trabalhadores de um setor num determinado ano. Do mesmo modo, os fluxos de separação podem ser decompostos considerando a saída do mercado de trabalho pelo trabalhador ou pela substituição do posto de trabalho. Existe um fluxo de separação por substituição do posto de trabalho quando o contrato de trabalho termina e o trabalhador se apresenta ao serviço numa empresa diferente e, deste modo, tem número de identificação do trabalhador no ano $t-1$ e no ano t , mas o número de identificação da empresa difere. E, por último, existe um fluxo de separação de um trabalhador que sai do mercado de trabalho quando o trabalhador apresenta número de identificação no ano $t-1$ mas já não apresenta no ano t .

Posteriormente, para uma análise mais detalhada dos fluxos de trabalhadores, foram criadas as variáveis identificadoras das suas características, de acordo com a designação das variáveis nos Quadros de Pessoal consideradas relevantes para a análise.⁸ A primeira

⁸ Para consultar a composição das características consideradas, por fluxos de trabalhadores, ver Anexo A, Tabela A.3.

variável consistiu no género, ou seja, se o trabalhador é do sexo masculino ou do sexo feminino. Seguidamente foram estabelecidos três intervalos para a faixa etária, existindo trabalhadores com idade igual ou superior a 18 anos e inferior a 30, com idade superior ou igual a 30 e inferior a 50 e, por último, trabalhadores com idade igual ou superior a 50.⁹ Adicionalmente foram introduzidas as habilitações literárias, nas quais se efetuou a distinção entre trabalhadores com habilitações de nível inferior ao ensino básico, ensino básico, ensino secundário e ensino superior. Em seguida, foi incorporado o tipo de contrato usufruído por cada trabalhador, ou seja, se o trabalhador tem um contrato com ou sem termo. E, por último, estabeleceu-se o regime de duração de trabalho, ou seja, se o trabalhador exerce a sua atividade a tempo completo ou a tempo parcial.

Após a criação das variáveis características dos trabalhadores, o estudo consistiu em verificar que tipo de fluxos de trabalhadores são mais afetados no mercado de trabalho de acordo com as características apresentadas e de acordo com o setor em que se encontram. Assim, a análise consistiu em formar conexões entre o valor dos fluxos de admissão e separação com as variáveis relativas às características dos trabalhadores, tendo como base o setor económico associado.

Do mesmo modo que surgiram limitações nos fluxos de postos de trabalho, também nos fluxos de trabalhadores existem ressalvas. A limitação mais notória prende-se com o facto de existir uma junção dos ficheiros de empresas com trabalhadores, pois apresentam variáveis distintas. Por outro lado, depara-se mais uma vez com a análise feita por variações anuais, utilizando dois anos consecutivos e não pela análise dos dados em painel agrupando todos os anos do período de interesse. Como anteriormente referido, no ano 2010, a classificação das variáveis de interesse alterou-se e, simultaneamente, algumas das variáveis não apresentaram continuidade com a série anterior. Com o objetivo de tornar os dados, do período em global, o mais comparáveis possível, na junção dos anos 2009 e 2010 foi utilizada a variável do número de identificação da empresa da série anterior, perdendo-se observações. Relativamente às variáveis das características dos trabalhadores, embora tenham existido pequenas alterações, essas variáveis apresentaram continuidade com a série anterior.

⁹ As categorias estão apresentadas de forma sintética uma vez que o importante era realçar se os trabalhadores são mais jovens ou não de acordo com o setor a que pertencem.

3.3 Análise estatística dos dados obtidos

Pretende-se com este subcapítulo apresentar a análise estatística dos resultados alcançados, segundo as diversas variáveis que os Quadros de Pessoal apresentam. O cálculo dos fluxos de emprego englobaram, inicialmente, os dados para a economia portuguesa e só posteriormente se definiu as CAE's respetivas para o setor do turismo. Assim, é crucial apresentar quer os dados, com as respetivas exclusões efetuadas nos subcapítulos anteriores, para a economia portuguesa, quer os dados para o setor do turismo.

Tabela 14 – Número total de empresas, 2008-2012

Ano		2008	2009	2010	2011	2012
Economia Portuguesa		402 992	398 539	358 207	326 162	318 839
Setor do Turismo	Nº de empresas	55 243	55 335	49 598	45 863	45 442
	% da Economia Portuguesa	13,71%	13,88%	13,85%	14,06%	14,25%

Fonte: Cálculos próprios sobre dados dos Quadros de Pessoal

Tabela 15 – Número total de trabalhadores, 2008-2012

Ano		2008	2009	2010	2011	2012
Economia Portuguesa		3 733 480	3 674 390	3 536 518	3 247 714	3 114 828
Setor do Turismo	Nº de trabalhadores	331 063	328 977	313 684	290 596	281 222
	% da Economia Portuguesa	8,87%	8,95%	8,87%	8,95%	9,03%

Fonte: Cálculos próprios sobre dados dos Quadros de Pessoal

A economia portuguesa apresentou, na média dos 5 anos referidos, 360 948 registos de empresas e 3 461 386 registos de trabalhadores, representando o setor do turismo, aproximadamente, 14% do número de empresas e 9% do número de trabalhadores, em termos médios. É de notar que, ao longo do período de análise, apesar do número de empresas ter diminuído tanto no total da economia como no setor do turismo, o peso relativo do número de empresas de âmbito turístico no total do número de empresas da economia tem evoluído favoravelmente, representando 13,71% no ano de 2008 e atingindo 14,25% no ano de 2012, ostentando a sua relevância na economia portuguesa. Em relação ao número de trabalhadores, a tendência de comportamento é semelhante ao longo do período, existindo uma diminuição do número de trabalhadores em ambos,

porém a percentagem do número de trabalhadores do setor do turismo no número de trabalhadores do total da economia portuguesa também aumentou, embora ligeiramente, apresentando no ano de 2008 o valor 8,87% e 9,03% no ano de 2012.

Tabela 16 – Peso médio do nº de empresas, por NUTS II, 2008-2012

	Economia Portuguesa	Setor do Turismo
Nº de empresas	360 948	50 296
Nuts II	100%	100%
Norte	36,20%	28,72%
Centro	22,16%	19,01%
Lisboa	25,50%	30,33%
Alentejo	7,16%	6,86%
Algarve	5,85%	10,52%

Fonte: Cálculos próprios sobre dados dos Quadros de Pessoal¹⁰

Prestando particular atenção ao lado das empresas, ainda se apresenta a desagregação do peso médio do número de empresas, no total da economia portuguesa e no setor do turismo, no período 2008-2012, por NUTS II, para Portugal Continental. Através da análise da estrutura do número de empresas da economia portuguesa, conclui-se que as regiões com maior peso relativo se concentram no Norte (36,20%), seguida de Lisboa (25,50%). Por outro lado, nas regiões com menor peso relativo destacam-se o Algarve (5,85%) e o Alentejo (7,16%). A composição do número de empresas no setor do turismo, face ao total da economia, revela diferenças a nível de pesos relativos, uma vez que o maior número de empresas do turismo se concentra na região Lisboa (30,33%) e posteriormente na região Norte (28,72%), e o menor número de empresas, se verifica na região Alentejo (6,86%) e na região Algarve (10,52%). É de salientar que, a região Algarve apresenta o dobro do peso relativo do número de empresas no setor do turismo face ao total da economia portuguesa, na média do período, visto que se trata de uma região de âmbito altamente turístico.

¹⁰ A soma de todas as regiões apresentadas não atinge os 100%, uma vez que para o estudo também foram consideradas as regiões Madeira e Açores, mas o seu conteúdo não foi relevante para o estudo.

Em relação aos trabalhadores é apresentada uma desagregação do número médio de trabalhadores por características, para o total da economia portuguesa e para o setor do turismo, no período considerado.

Tabela 17 – Peso médio das características dos trabalhadores, 2008-2012

	Economia Portuguesa	Setor do Turismo
Nº de trabalhadores	3 461 386	309 108
Sexo	100%	100%
Masculino	55,01%	47,00%
Feminino	44,99%	53,00%
Idade	100%	100%
Entre 18 a 30 anos	24,67%	28,81%
Entre 30 a 50 anos	55,91%	50,20%
Mais que 50 anos	19,02%	20,20%
Habilitações	100%	100%
Menos que o ensino básico	1,12%	1,12%
Ensino básico	61,00%	66,40%
Ensino Secundário	22,42%	23,80%
Ensino Superior	14,87%	7,57%
Tipo de contrato	100%	100%
Sem termo	62,06%	54,33%
Com termo	25,61%	33,91%
Regime de Contrato	100%	100%
Tempo completo	86,81%	83,79%
Tempo parcial	6,38%	6,25%

Fonte: Cálculos próprios sobre dados dos Quadros de Pessoal¹¹

Observando os pesos relativos das várias classes, na média do período, é possível retirar certas conclusões sobre o mercado de trabalho. No que respeita ao total das atividades da economia portuguesa, verifica-se que a maior percentagem de trabalhadores é do sexo masculino (55,01%), com idades compreendidas entre os 30 e 50 anos (55,91%), detendo habilitações ao nível do ensino básico (61,00%), com tipos de contrato sem termo (62,06%) e regime de contrato a tempo completo (86,81%). Relativamente ao setor do turismo, a estrutura quanto aos maiores pesos relativos é semelhante, excetuando

¹¹ A maioria das classes consideradas não atinge os 100%, pela soma das subcategorias apresentadas na tabela, uma vez que para a obtenção dos resultados foram consideradas outras subcategorias que não são relevantes para o estudo em causa.

o género, uma vez que a maior percentagem de trabalhadores no setor do turismo é do sexo feminino (53,00%). Através da comparação dos pesos relativos das várias subclasses, do total das atividades da economia portuguesa e do setor do turismo, é possível retirar conclusões sobre as características dos trabalhadores do setor do turismo em Portugal. Deste modo, conclui-se que, face ao total da economia portuguesa, o setor do turismo apresenta uma maior percentagem de trabalhadores do sexo feminino. Relativamente à faixa etária, observa-se uma inserção superior de trabalhadores mais jovens no mercado de trabalho. Quanto ao grau de habilitações literárias, este revela um maior peso do ensino básico do que o total da economia, e um menor peso relativo na subclasse ensino superior, indicando o menor nível de escolaridade do setor do turismo. Em relação ao tipo de contrato, os contratos sem termo tem um peso menos pronunciado no setor do turismo, uma vez que o setor do turismo é caracterizado pela maior rotatividade e sazonalidade. Por último, o regime de contrato a tempo completo tem um peso relativo inferior no setor do turismo mas, simultaneamente, o regime de contrato a tempo parcial apresenta um peso relativo semelhante, pelo que sugere a falta de conhecimento do regime de contrato estabelecido para alguns trabalhadores no setor do turismo.

Capítulo 4 – Análise de Resultados

4.1 Fluxos de emprego no setor do turismo português

Com o intuito de perceber o ajustamento do emprego, o estudo centra-se agora na análise dos resultados obtidos dos fluxos de emprego no setor do turismo. Como anteriormente referido, as variações no emprego podem ser visualizadas através da atuação das forças da procura e/ou das forças de oferta no mercado de trabalho, alusivas às respostas dos empregadores e trabalhadores, respetivamente. Apesar de a forma de contabilização dos fluxos serem distintas, o resultado obtido em ambos os lados do mercado de trabalho trará conclusões semelhantes.

a) Fluxos de Postos de Trabalho

Tabela 18 – Fluxos de postos de trabalho, Setor do Turismo, 2008-2012

Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
	Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
2008	15,91%	8,02%	7,89%	13,21%	6,41%	6,80%	2,69%	29,12%	26,42%
2009	12,80%	6,15%	6,65%	15,09%	8,07%	7,02%	-2,28%	27,89%	25,61%
2010	11,69%	5,81%	5,88%	25,52%	8,46%	17,06%	-13,83%	37,21%	23,38%
2011	14,71%	5,77%	8,94%	15,29%	7,82%	7,47%	-0,58%	30,01%	29,42%
2012	11,85%	4,40%	7,45%	18,69%	9,81%	8,87%	-6,84%	30,53%	23,69%
Média	13,39%	6,03%	7,36%	17,56%	8,11%	9,45%	-4,17%	30,95%	25,70%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Na tabela estão representados os fluxos de postos de trabalho, para o setor do turismo, entre 2008 a 2012. Ao longo do período, constata-se uma tendência para a diminuição dos fluxos de criação de postos de trabalho e um aumento dos fluxos de destruição de postos de trabalho, em geral, originando a passagem de uma variação líquida de emprego positiva para negativa e um aumento da rotação de postos de trabalho. Em média, a variação líquida do emprego ascendeu a -4,17%, acomodada por taxas de criação e destruição de emprego na ordem dos 13,39% e 17,56%, respetivamente, originando uma rotação de postos de trabalho de 30,95%, um valor bastante superior ao necessário para restabelecer o equilíbrio do mercado de trabalho.

Nos cinco anos de análise, importa aferir qual o comportamento dos fluxos de postos de trabalho no setor do turismo perante a fase recessiva ocorrida. Os efeitos da crise global foram, sobretudo, pronunciados no ano 2010, uma vez que existe um

desfasamento entre a observação dos choques ocorridos na economia e a atuação dos empregadores. Perante a crise económica, nos anos 2009 e 2010, os empregadores reagiram diminuindo os fluxos de criação de postos de trabalho, quer pela diminuição dos fluxos de expansão de empresas quer de novas empresas, e, particularmente, aumentando os fluxos de destruição de postos de trabalho, sobretudo pelo aumento dos fluxos de empresas que encerram atividade. A conjugação dos dois fluxos originou uma variação líquida de emprego bastante negativa e um aumento significativo dos fluxos de rotação de postos de trabalho. A resposta dos empregadores face à fase recessiva, principalmente no ano 2011, consistiu no aumento dos fluxos de criação, impulsionados pelo aumento dos fluxos de novas empresas e, principalmente, na redução dos fluxos de destruição de postos de trabalho, nomeadamente pela diminuição dos fluxos de encerramento de empresas. Apesar da insistência de variações líquidas de emprego negativas, observou-se uma reação ativa do setor do turismo, tentando recuperar dos efeitos provocados pela crise. No entanto, no ano 2012 assiste-se, novamente, a perdas relativas superiores a nível de emprego.

Relacionando os fluxos de emprego com o ciclo económico, é possível observar que a deterioração do ciclo económico, a partir do ano de 2009 ¹², provocou uma variação líquida negativa do emprego no setor do turismo. Assim, conclui-se que o setor do turismo apresentou um comportamento pró-cíclico da variação líquida do emprego, ao longo do período em análise, ou seja, a fase recessiva da economia incitou a uma variação líquida negativa do emprego, nos fluxos de postos de trabalho.

Tabela 19 – Fluxos de postos de trabalho, atividade económica “ Restauração e similares”, 2008-2012

Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
	Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
2008	18,01%	8,82%	9,19%	15,07%	7,17%	7,90%	2,94%	33,08%	30,14%
2009	15,48%	7,21%	8,27%	16,41%	7,84%	8,58%	-0,93%	31,89%	30,96%
2010	13,59%	6,79%	6,80%	26,71%	8,82%	17,89%	-13,12%	40,30%	27,18%
2011	15,83%	6,23%	9,60%	18,37%	9,45%	8,92%	-2,53%	34,20%	31,67%
2012	14,32%	5,43%	8,89%	23,11%	12,22%	10,89%	-8,79%	37,43%	28,64%
Média	15,45%	6,90%	8,55%	19,93%	9,10%	10,83%	-4,49%	35,38%	29,72%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

¹² Ver Capítulo 1, subcapítulo 1.4 relativo aos fluxos de emprego e o ciclo económico.

As atividades económicas “Restauração e similares” apresentaram semelhante padrão de comportamento dos fluxos de postos de trabalho. Porém, a sua reação foi mais agravada do que a generalidade das atividades do setor do turismo, face ao choque observado na economia, resultado de fluxos de criação e destruição superiores, provocando fluxos de rotação também superiores.

Tabela 20 – Fluxos de postos de trabalho, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
	Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
2008	11,01%	6,75%	4,26%	8,43%	5,65%	2,78%	2,58%	19,44%	16,86%
2009	7,29%	4,26%	3,03%	13,50%	10,32%	3,18%	-6,22%	20,79%	14,57%
2010	7,72%	4,46%	3,26%	20,34%	9,13%	11,21%	-12,62%	28,06%	15,44%
2011	14,05%	5,60%	8,44%	11,26%	7,01%	4,25%	2,78%	25,31%	22,53%
2012	9,15%	4,22%	4,93%	12,85%	8,94%	3,91%	-3,70%	22,00%	18,31%
Média	9,84%	5,06%	4,79%	13,28%	8,21%	5,07%	-3,43%	23,12%	17,54%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Em contraste, o comportamento das atividades económicas “Alojamento” revelou ser mais positivo do que a generalidade das atividades do setor do turismo. Apesar de apresentar um padrão de comportamento semelhante perante o choque observado na economia, os fluxos de criação e destruição de postos de trabalho foram de valores inferiores, ao longo do período, relativamente à generalidade das atividades do setor do turismo, originando fluxos de rotação relativamente inferiores. Simultaneamente, no ano 2011, a resposta dos empregadores foi bastante positiva, existindo um aumento significativo dos fluxos de criação de postos de trabalho, sobretudo pela criação de novas empresas, e a diminuição pronunciada dos fluxos de destruição, diminuindo o encerramento de empresas, atingindo uma variação líquida do emprego positiva.

Tabela 21 – Fluxos de postos de trabalho, Setor dos Serviços, 2008-2012

Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
	Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
2008	14,93%	9,37%	5,56%	10,42%	5,00%	5,42%	4,51%	25,36%	20,85%
2009	11,41%	6,84%	4,57%	13,46%	6,97%	6,49%	-2,05%	24,87%	22,82%
2010	11,40%	5,96%	5,44%	21,77%	7,07%	14,70%	-10,37%	33,17%	22,80%
2011	12,92%	6,65%	6,27%	12,08%	6,35%	5,73%	0,84%	25,00%	24,16%
2012	10,34%	5,50%	4,84%	15,04%	8,22%	6,82%	-4,70%	25,38%	20,68%
Média	12,20%	6,87%	5,34%	14,55%	6,72%	7,83%	-2,35%	26,76%	22,26%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Do mesmo modo, o Setor dos Serviços evidenciou um comportamento dos fluxos de postos de trabalho semelhante ao Setor do Turismo, ao longo do período, assim como a reação dos empregadores face à crise económica e a resposta à mesma. Os resultados mais favoráveis surgiram da existência de fluxos de destruição de postos de trabalho mais baixos do que o turismo, visto que os fluxos de criação de postos de trabalho são semelhantes. Tal originou fluxos de rotação de postos de trabalho inferiores e uma variação líquida do emprego mais favorável, principalmente no ano 2011, ano em que alcançou um valor positivo.

Assim, é possível concluir, em termos de fluxos de postos de trabalho, que as atividades económicas do setor do turismo foram mais afetadas pelo ciclo económico, nomeadamente pela fase de recessão ocorrida, do que as atividades do setor dos serviços, sobretudo pelos efeitos provocados nas atividades de “Restauração e similares”, apesar de ambos apresentarem um comportamento pró-cíclico das variações líquidas do emprego.

b) Fluxos de trabalhadores

De forma a completar o estudo dos fluxos de emprego, é necessário analisar os fluxos de trabalhadores para compreender a acomodação das variações líquidas de emprego sob a forma de admissões e separações de trabalhadores. Todavia, é necessário fazer, desde já, uma ressalva importante. As limitações referidas no Capítulo 3 originaram a que a variação líquida do emprego para os fluxos de postos de trabalho e fluxos de trabalhadores não fosse a mesma. No mercado de trabalho, a análise dos fluxos de emprego pode ser interpretada pelo lado da procura e/ou oferta, evidenciando as mesmas conclusões. Apesar de a variação líquida do emprego não expor o mesmo valor, apresenta

as mesmas conclusões a nível de comportamento ao longo do período, perante a crise económica ocorrida.

Tabela 22 – Fluxos de trabalhadores, Setor do Turismo, 2008-2012

Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
	Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
2008	21,05%	13,64%	16,56%	13,64%	4,49%	64,89%	60,40%
2009	16,27%	11,85%	18,03%	11,85%	-1,76%	58,00%	56,24%
2010	14,87%	10,99%	27,51%	10,99%	-12,64%	64,36%	51,72%
2011	18,55%	10,23%	18,72%	10,23%	-0,17%	57,73%	57,56%
2012	15,14%	8,98%	22,10%	8,98%	-6,96%	55,20%	48,24%
Média	17,18%	11,14%	20,58%	11,14%	-3,41%	60,04%	54,83%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Na tabela são representados os fluxos de trabalhadores, no setor do turismo, entre 2008 a 2012. A tendência do comportamento dos fluxos de trabalhadores, ao longo do período, consistiu na diminuição dos fluxos de admissão e no aumento dos fluxos de separação. Assim, a variação líquida do emprego tornou-se negativa e os fluxos de rotação de trabalhadores assumiram valores de elevada grandeza, embora decrescentes. Em termos médios, a variação líquida do emprego ascendeu a -3,41%, valor refletido por fluxos de admissão e de separação de trabalhadores de 28,32% e 31,72%, respetivamente. Deste modo, existiu uma grande agitação no mercado de trabalho, repercutindo um fluxo de rotação de trabalhadores de 60,04%. Note-se que os fluxos de substituição do posto de trabalho, nos fluxos de admissão e nos fluxos de separação de trabalhadores, são idênticos, uma vez que uma substituição de um trabalhador num posto de trabalho corresponde à saída desse trabalhador de um posto de trabalho e, simultaneamente, à entrada do mesmo trabalhador em outro posto de trabalho, e vice-versa.

Os fluxos de trabalhadores seguem, obviamente, uma tendência de comportamento semelhante aos fluxos de postos de trabalho, durante o período analisado, visto que a resposta dos empregadores perante um choque económico nos fluxos de postos de trabalho, criando ou destruindo postos de trabalho, influencia claramente os fluxos de trabalhadores, ou seja, as contratações e separações de trabalhadores. Importa apurar os efeitos ocorridos dos fluxos de trabalhadores face à crise económica e a resposta à mesma.

Perante a repercussão dos efeitos da crise económica, especialmente no ano 2010, as empresas optaram pela diminuição dos fluxos de contratação de novos trabalhadores

e, principalmente, pelo aumento dos fluxos de separação de trabalhadores, existindo a saída dos mesmos do mercado de trabalho. A conjugação dos dois efeitos originou uma variação líquida do emprego negativa e uma diminuição dos fluxos de rotação de trabalhadores. A resposta face a este choque negativo, no ano seguinte, consistiu no aumento dos fluxos de admissão de novos trabalhadores e, particularmente, na diminuição dos fluxos de separação de trabalhadores, pela saída do trabalhador do mercado de trabalho. No que concerne aos fluxos de substituição de trabalhadores, existiu uma diminuição dos mesmos ao longo dos anos, uma vez que um choque negativo na economia traduz-se em instabilidade no mercado de trabalho, provocando uma diminuição das saídas voluntárias por parte dos trabalhadores, e também por parte das empresas. Mais uma vez, é possível observar a reação ativa do setor do turismo, tentando recuperar dos efeitos produzidos pela crise económica ocorrida.

Os fluxos de trabalhadores, tal como os fluxos de postos de trabalho, apresentam um comportamento pro-cíclico da variação líquida de emprego, ou seja, perante a fase recessiva da economia iniciada no ano 2009, a variação líquida de emprego assumiu valores negativos.

Tabela 23 – Fluxos de trabalhadores, atividade económica “ Restauração e similares”, 2008-2012

Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
	Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
2008	23,99%	15,43%	18,95%	15,43%	5,04%	73,81%	68,77%
2009	19,11%	13,79%	19,96%	13,79%	-0,85%	66,66%	65,81%
2010	16,98%	13,18%	29,25%	13,18%	-12,27%	72,59%	60,31%
2011	20,97%	13,20%	22,09%	13,20%	-1,12%	69,46%	68,35%
2012	16,76%	11,88%	25,52%	11,88%	-8,76%	66,02%	57,26%
Média	19,56%	13,49%	23,15%	13,49%	-3,59%	69,71%	64,10%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Novamente, as atividades económicas “Restauração e similares” apresentaram uma reflexão dos efeitos da crise mais negativa do que a generalidade das atividades económicas do setor do turismo, tal como o exposto pelos fluxos de postos de trabalho, exibindo fluxos de admissão e separação de trabalhadores superiores, em termos

relativos, ao longo do período, que provocaram um fluxo de rotação de trabalhadores superior.

Tabela 24 – Fluxos de trabalhadores, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
	Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
2008	16,15%	13,21%	13,44%	13,21%	2,71%	56,01%	53,30%
2009	12,04%	11,57%	17,22%	11,57%	-5,18%	52,40%	47,22%
2010	12,07%	10,90%	23,13%	10,90%	-11,06%	57,00%	45,94%
2011	17,01%	11,29%	15,21%	11,29%	1,80%	54,80%	53,00%
2012	14,27%	8,51%	18,89%	8,51%	-4,62%	50,18%	45,56%
Média	14,31%	11,10%	17,58%	11,10%	-3,27%	54,08%	49,00%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Em contraponto, o ajustamento do emprego, face à crise económica, nas atividades “Alojamento” originou consequências menos perversas do que a generalidade das atividades económicas do setor do turismo. A principal causa consistiu na dinâmica dos fluxos de trabalhadores, apresentando fluxos de admissão e separação de valores inferiores, o que originou fluxos de rotação também inferiores. Por outro lado, no ano 2011, estas atividades apresentaram uma reação mais positiva do que a generalidade do setor do turismo, perante a resposta à crise económica, observando-se uma variação líquida do emprego positiva impulsionada pela dinâmica mais favorável das taxas de admissão de trabalhadores nestas atividades.

Tabela 25 – Fluxos de trabalhadores, Setor dos Serviços, 2008-2012

Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
	Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
2008	18,75%	14,78%	13,82%	14,78%	4,93%	62,13%	57,20%
2009	14,76%	13,25%	16,66%	13,25%	-1,90%	57,92%	56,02%
2010	14,40%	12,57%	23,52%	12,57%	-9,12%	63,06%	53,94%
2011	16,45%	11,71%	15,51%	11,71%	0,94%	55,38%	54,44%
2012	13,08%	10,60%	17,64%	10,60%	-4,56%	51,92%	47,36%
Média	15,49%	12,58%	17,43%	12,58%	-1,94%	58,08%	53,79%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

O padrão de comportamento dos fluxos de trabalhadores foi semelhante para o setor dos serviços, ao longo do período, tal como na reação perante a crise e pós-crise. No entanto, os fluxos de emprego do setor dos serviços revelaram um ajustamento do emprego mais positivo do que o setor do turismo, resultando em variações líquidas do emprego menos negativas e fluxos de rotação de trabalhadores inferiores. No ano 2011, a variação líquida do emprego alcançou um valor positivo, derivado essencialmente da diminuição pronunciada dos fluxos de separação de trabalhadores que saiam do mercado de trabalho.

Deste modo, conclui-se que o setor do turismo é mais sensível às fases dos ciclos económicos do que o setor dos serviços, principalmente nas atividades económicas “Restauração e similares”, no que respeita aos fluxos de trabalhadores, uma vez em fases de recessão económicas as perdas a nível de emprego são superiores.

c) Churning rates

As economias desenvolvidas apresentam um processo contínuo de criação e destruição de emprego em busca do matching ideal entre trabalhadores e empresas, como vimos anteriormente, através de uma dinâmica de ajustamento de tentativa e erro, o que implica a existência de fluxos de entradas e saídas de trabalhadores. De um modo geral, os fluxos de trabalhadores são superiores aos fluxos de postos de trabalho. Note-se que os fluxos de trabalhadores ocorrem na generalidade das empresas quer as empresas estejam em expansão ou em contração de postos de trabalho, seja por fluxos de trabalhadores voluntários ou involuntários. O processo de rotatividade permite a eficiência mercado de trabalho, uma vez que os melhores pares de trabalhadores-empresas vão sobreviver perante os choques observados, e os maus pares vão ser substituídos por outros que, em média, serão mais produtivos. A taxa churning, ou seja, a diferença entre a taxa de rotação de trabalhadores e a de postos de trabalho, permite salientar as conclusões sobre os fluxos de rotação.

Tabela 26 – Taxas churning, Setor do Turismo, 2008-2012

Ano	Rotação dos postos de trabalho	Rotação de trabalhadores	Churning rates
2008	29,12%	64,89%	35,77%
2009	27,89%	58,00%	30,11%
2010	37,21%	64,36%	27,15%
2011	30,01%	57,73%	27,72%
2012	30,53%	55,20%	24,67%
Média	30,95%	60,04%	29,08%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Ao longo do período, o setor do turismo, revelou um comportamento decrescente da taxa churning, provocado, na sua essência, pela diminuição dos fluxos de rotação de trabalhadores. Em média, a taxa churning atingiu os 29,08%, originada por fluxos de rotação de trabalhadores e de postos de trabalho de 60,04% e 30,95%, respetivamente. Note-se que, a soma dos fluxos de admissão e separação foi superior à soma dos empregos criados e destruídos, em todos os períodos de análise, o que significa que cada criação e cada extinção de um posto e trabalho não geraram, respetivamente, apenas uma admissão e uma separação de trabalhadores, para acomodar semelhante variação líquida do emprego.

Importa aferir o que os fluxos de realocação dos postos de trabalho originou nos fluxos de realocação de trabalhadores, com o decorrer da crise financeira, uma vez que podem existir diversas hipóteses. Os trabalhadores podem continuar a integrar o mercado de trabalho substituindo apenas a empresa em que exercem funções, outros ficam desempregados até encontrarem outro posto de trabalho ou saem da população ativa e ainda, outros trabalhadores entram na população ativa e empregada para preencher postos de trabalho. Perante estes cenários, observa-se que existe uma parte da realocação de trabalhadores que não é uma resposta direta à realocação dos postos de trabalho, visto que uma parte dos fluxos de trabalhadores consiste na substituição do posto de trabalho. Perante a crise financeira ocorrida, as empresas do setor do turismo português reagiram aumentando os fluxos de destruição de postos de trabalho, sobretudo, pelo encerramento de empresas o que incitou o aumento dos fluxos de separação de trabalhadores, saindo os mesmos do mercado de trabalho. Deste modo, a realocação dos postos de trabalho provocou a saída involuntária de trabalhadores, face ao choque negativo observado.

Os fluxos de rotação, quer de postos de trabalho quer de trabalhadores, apresentam um padrão de comportamento similar nas atividades económicas analisadas, evidenciando a elevada rotatividade existente no mercado de trabalho português. Quer as atividades “Restauração e similares” e “Alojamento”, quer o setor dos serviços, revelaram taxas churning superiores à generalidade das atividades económicas do setor do turismo, geradas pelo maior desfasamento entre os fluxos de rotação de postos de trabalho e os fluxos de rotação de trabalhadores. ¹³

¹³ Para consultar a descrição das restantes atividades económicas consideradas, por taxas Churning, ver o Anexo B, Tabelas B.1, B.2 e B.3.

4.2 Fluxos de postos de trabalho por regiões

Neste subcapítulo, procura-se estabelecer conclusões sobre os fluxos de postos de trabalho no âmbito regional, de acordo com as NUTS II, para Portugal Continental. A análise é realizada através dos valores médios dos fluxos de postos de trabalho entre 2008 e 2012, por NUTS II, uma vez que, o padrão de comportamento dos fluxos por ano corresponde ao comportamento descrito no setor do turismo, apresentado no subcapítulo anterior. No entanto, a evolução ao longo do período estará disponibilizada em anexo.

Tabela 27 – Fluxos de postos de trabalho médios por NUTS II, Setor do Turismo, 2008-2012

NUTS II	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
	Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
Norte	14,45%	6,45%	7,99%	17,22%	7,92%	9,30%	-2,77%	31,67%	27,50%
Centro	15,31%	6,62%	8,69%	19,19%	8,84%	10,35%	-3,88%	34,51%	29,97%
Lisboa	11,65%	5,51%	6,14%	15,70%	7,24%	8,46%	-4,05%	27,34%	22,58%
Alentejo	17,47%	7,13%	10,34%	21,19%	8,83%	12,36%	-3,72%	38,66%	33,20%
Algarve	15,36%	6,76%	8,60%	19,48%	10,22%	9,26%	-4,12%	34,84%	27,38%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

O setor do turismo caracterizou-se, em todas as regiões de Portugal Continental, pela criação líquida de emprego negativa, no período referido, ou seja, os fluxos de destruição foram nitidamente superiores aos fluxos de criação de postos de trabalho. O Norte destacou-se por ser a região menos afetada pela crise económica decorrida, em termos médios, uma vez que os fluxos de criação e destruição de postos de trabalho foram moderados. Os fluxos de criação de postos de trabalho revelaram ser semelhantes aos apresentados pelas restantes regiões, enquanto os fluxos de destruição de postos de trabalho foram nitidamente dos mais baixos, quer pela menor contração de empresas, quer pelo menor encerramento de empresas, em comparação com as restantes regiões em análise. Em contraponto, o Algarve, um dos principais destinos turísticos, surgiu como a região mais afetada pela dinâmica desfavorável dos fluxos de postos de trabalho, motivado pelo grande contributo dos fluxos de destruição de postos de trabalho, nomeadamente, pela elevada contração de empresas, comparativamente com as restantes regiões.

A análise dos fluxos de postos de trabalho por regiões, nas atividades económicas consideradas, apresentam comportamentos distintos, quer nas regiões mais afetadas, quer nas regiões menos afetadas como pelos motivos associados. As atividades “Restauração e similares” revelaram que, em termos médios, a região mais afetada pelo desempenho negativo dos fluxos de postos de trabalho foi Lisboa, apresentando elevados fluxos de destruição de postos de trabalho, motivados quer pela contração de empresas como pelo encerramento de empresas, em termos comparativos, enquanto a região Alentejo foi a menos afetada, uma vez que exibiu um ajustamento do emprego praticamente nulo. Em contraponto, nas atividades económicas “ Alojamento”, a região mais afetada pelos fluxos de postos de trabalho desfavoráveis decorrentes do choque negativo observado foi o Algarve, motivada por elevados fluxos de destruição, particularmente por elevados fluxos de contração de empresas, em comparação com as restantes regiões. O Alentejo obteve a única variação líquida positiva do emprego, em termos médios, derivada da dinâmica dos fluxos de criação superiores às restantes regiões em análise, quer pela expansão de empresas, quer de novas empresas, sendo a região menos afetada pelos fluxos de postos de trabalho. Relativamente ao setor dos serviços, o Algarve foi a região mais afetada, motivada por elevados fluxos de destruição, em termos relativos, originados, tanto por fluxos de contração de empresas como de encerramento de empresas. Por oposição, Lisboa foi a região menos afetada, apresentando fluxos de destruição de postos de trabalho inferiores as restantes regiões, nomeadamente por inferiores fluxos de encerramento de empresas. Assim, é possível concluir que os diferentes setores de atividade em análise caracterizaram-se por comportamentos distintos em termos de fluxos de postos de trabalho, entre as regiões de Portugal Continental, de acordo com as atividades económicas consideradas.¹⁴

¹⁴ Para consultar a descrição das restantes atividades económicas, por NUTS II, ver o Anexo B, Tabelas B.4, B.5, B.6 e B.7.

4.3 Fluxos e características dos trabalhadores

De seguida, procura-se apresentar o comportamento dos fluxos de trabalhadores de acordo com as suas características. Tendo em conta as variáveis criadas anteriormente, pretende-se compreender a sua evolução e verificar quais as características mais afetadas, de acordo com os fluxos de admissões e separações, no período em análise. O estudo será realizado através das médias dos fluxos de trabalhadores entre 2008 e 2012, para o setor do turismo, uma vez que, na generalidade das variáveis, o comportamento dos fluxos por ano corresponde ao comportamento do setor do turismo, descrito no subcapítulo 4.1. No entanto, a evolução ao longo do período estará disponibilizada em anexo.

Tabela 28 – Fluxos de trabalhadores médios por características do trabalhador, Setor do Turismo, 2008-2012

Característica	Categoria	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Género	Homem	7,56%	5,32%	9,01%	5,32%	-1,44%	27,20%	25,00%
	Mulher	9,61%	5,82%	11,58%	5,82%	-1,97%	32,83%	29,80%
Faixa etária	18-30	7,50%	4,53%	6,92%	4,53%	0,58%	23,48%	21,80%
	30-50	7,11%	5,29%	9,18%	5,29%	-2,06%	26,86%	24,21%
	>50	2,26%	1,24%	4,23%	1,24%	-1,97%	8,97%	6,99%
Habilitações literárias	Inferior ao Ensino Básico	0,18%	0,11%	0,28%	0,11%	-0,10%	0,68%	0,58%
	Ensino Básico	11,14%	7,14%	14,36%	7,14%	-3,22%	39,77%	35,73%
	Ensino Secundário	4,39%	2,82%	4,54%	2,82%	-0,15%	14,56%	13,43%
	Ensino Superior	1,17%	0,90%	1,10%	0,90%	0,08%	4,07%	3,79%
Tipo de contrato	Contrato sem termo	5,48%	4,83%	8,94%	4,83%	-3,46%	24,09%	20,63%
	Contrato com termo	9,82%	5,29%	9,16%	5,29%	0,66%	29,56%	27,30%
Regime de contrato	Tempo Completo	14,05%	9,20%	17,14%	9,20%	-3,09%	49,59%	44,99%
	Tempo Parcial	1,86%	1,22%	1,56%	1,22%	0,31%	5,85%	5,55%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

a) Género

No que concerne à característica género, no setor do turismo, observou-se que o género feminino foi mais afetado do que o género masculino pelos efeitos da crise económica, na média do período. Apesar de os trabalhadores do sexo feminino representarem o maior peso relativo no setor, foram a categoria mais afetada uma vez que apresentou fluxos de separação de trabalhadores mais elevados, em termos comparativos, sobretudo pelas saídas de trabalhadores do mercado de trabalho. Em termos médios, as taxas de admissão e separação ascenderam 12,88% e 14,32% no caso do género masculino e 15,43% e 17,40% no caso do género feminino, respetivamente. Os fluxos de

rotação dos trabalhadores do género feminino foram ligeiramente superiores aos do género masculino, atingindo os 27,01% e 21,89%, respetivamente. Evidencia-se assim a evolução positiva do peso relativo dos trabalhadores do género masculino, ao longo do período, no setor do turismo.

O padrão de comportamento das atividades económicas associadas ao setor do turismo, perante a crise financeira, seguiu a mesma tendência de resultados. No entanto, estas atividades revelaram uma reação mais desfavorável para os trabalhadores do sexo feminino. Em contraponto, o setor dos serviços revelou o comportamento oposto, ou seja, os trabalhadores do sexo masculino foram os mais afetados na média do período, em termos comparativos, devido aos menores fluxos de admissões pela entrada de novos trabalhadores no mercado de trabalho.¹⁵

b) Faixa Etária

No mercado de trabalho, existem diferenças no comportamento dos fluxos de trabalhadores entre os diversos grupos etários, uma vez que as características e aptidões produtivas dos indivíduos se alteram ao longo da vida. Em relação à idade, a categoria menos afetada no setor do turismo, na média do período, consistiu nas idades compreendidas entre os 18-30 anos, sendo a única categoria a apresentar uma variação líquida positiva do emprego. Esta dinâmica de ajustamento do emprego favorável deveu-se aos superiores fluxos de admissão por entrada de novos trabalhadores, em comparação com as restantes categorias. Em contraponto, a categoria com idades compreendidas entre os 30-50 anos, apresentou-se como a categoria mais afetada devido aos superiores fluxos de separação, saindo os trabalhadores do mercado de trabalho, em termos comparativos. Os resultados confirmam que existe maior rotatividade entre os trabalhadores mais jovens (até aos 50 anos). Assim, existiu um aumento, em termos relativos, dos trabalhadores com idades compreendidas entre os 18-30 anos, ao longo dos anos, no setor do turismo.

O comportamento das atividades económicas “Restauração e similares” apresentaram resultados semelhantes ao setor do turismo, quer no que concerne às categorias mais e menos afetadas, como nos motivos inerentes. Mais uma vez, se observou uma reação mais ativa desta atividade face à generalidade das atividades

¹⁵ Para consultar a descrição das atividades económicas, por Género, ver o Anexo B, Tabelas B.8, B.9, B.10 e B.11.

económicas do setor do turismo. Apesar de apresentar a mesma categoria menos afetada, na média do período, as atividades “Alojamento” diferiram na generalidade das atividades económicas do setor do turismo na categoria mais afetada, consistindo nas idades >50 anos. Tal foi impulsionado pelos menores fluxos de admissão, quer de novos trabalhadores, quer de substituição do posto de trabalho dos trabalhadores, em comparação com as restantes categorias. Do mesmo modo, o setor dos serviços seguiu o padrão de comportamento das atividades “Alojamento”, apresentando semelhantes motivos e resultados, mas no entanto mais favoráveis do que as atividades económicas pertencentes ao setor do turismo.¹⁶

c) Habilitações Literárias

O mercado de trabalho é caracterizado por uma recomposição das características a nível das habilitações literárias possuídas pelos trabalhadores que o compõe à medida que a economia se desenvolve.

Relativamente ao nível de escolaridade, observa-se uma clara preferência dos empregadores por trabalhadores que sejam dotados de níveis mais altos de competências, no setor do turismo. A categoria ensino superior foi a menos afetada, na média do período, e a única a apresentar uma variação líquida positiva do emprego, motivada pelo ajustamento do emprego quase nulo perante a crise económica ocorrida, refletindo uma dinâmica de fluxos de admissão superior aos fluxos de separação. Em termos comparativos, os fluxos de separação foram inferiores à maior parte dos apresentados por outras categorias. Contrapondo, os trabalhadores com habilitações ao nível do ensino básico foram os trabalhadores mais afetados, visto que apresentaram as taxas de separação superiores, em termos comparativos, sobretudo ao nível da saída de trabalhadores do mercado de trabalho. É possível concluir que o peso relativo da categoria ensino superior aumentou, em detrimento da categoria ensino básico. Adicionalmente, pela observação dos resultados médios, os fluxos de separação de trabalhadores reduziram-se, em geral, à medida que aumentou o nível de habilitações literárias. Do

¹⁶ Para consultar a descrição das atividades económicas, por Faixa Etária, ver o Anexo B, Tabelas B.12, B.13, B.14 e B.15.

mesmo modo se retira que os fluxos de rotação excessiva, em geral, foram superiores para os trabalhadores que apresentaram níveis de habilitações mais baixos.

O comportamento das atividades económicas analisadas, em termos de habilitações literárias, apresentou semelhantes resultados. No entanto, nas atividades “Restauração e similares” e “Alojamento” é mais evidente a ideia da preferência dos trabalhadores por trabalhadores com níveis de habilitações superiores, uma vez que as subcategorias de ensino secundário e de ensino superior apresentaram variações líquidas positivas de emprego. O setor dos serviços apresentou o mesmo comportamento do que a generalidade das atividades económicas do setor do turismo, apesar de a sua reação não ser tao pronunciada perante a crise económica, refletida em efeitos menos nefastos das variações líquidas do emprego e fluxos de rotação de trabalhadores, ao longo dos anos.¹⁷

d) Tipo de Contrato

A incidência do tipo de contrato mais predominante no mercado de trabalho é influenciada pela flexibilização da economia em questão.

Em relação ao tipo de contrato verifica-se que os trabalhadores mais afetados, no setor do turismo, na média do período, consistiram nos que usufruíam de contratos sem termo, devido, sobretudo, aos inferiores fluxos de admissão de novos trabalhadores em comparação com os trabalhadores com contratos com termo. Em média, a variação líquida do emprego de trabalhadores com contratos sem termo representou -3,46%, enquanto a variação líquida do emprego de trabalhadores com contratos com termo representou 0,66%. Assim, existiu um aumento relativo do número de trabalhadores com contratos a termo, realçando a rotatividade associada ao setor. No entanto, como seria de esperar, os contratos a termo são caracterizados por fluxos de separação superiores, em termos relativos, devido à sua periodicidade.

A tendência de evolução dos fluxos de trabalhadores, por tipo de contrato, é idêntica em todas as atividades económicas consideradas no estudo. Os efeitos ocorridos nos fluxos de trabalhadores foram ligeiramente mais pronunciados no setor dos serviços,

¹⁷ Para consultar a descrição das atividades económicas, por Habilitações Literárias, ver o Anexo B, Tabelas B.16, B.17, B.18 e B.19.

revelando a maior incidência de trabalhadores com contrato a termo relativamente ao setor do turismo.¹⁸

e) Regime de Contrato

Os resultados revelam que os trabalhadores mais afetados no setor do turismo, na média do período, por regime de contrato, consistiram nos trabalhadores com contratos a tempo completo, motivados sobretudo por elevados fluxos de separação, em termos comparativos, provocando a saída de trabalhadores do mercado de trabalho. Ao longo do período, no setor do turismo, observou-se um aumento relativo dos trabalhadores com contratos a tempo parcial. Em média, a variação líquida do emprego dos trabalhadores com contratos a tempo completo foi de -3,09%, enquanto a variação líquida do emprego dos trabalhadores com contratos a tempo parcial apresentou o valor 0,31%.

O comportamento do ajustamento do emprego foi idêntico para as restantes atividades económicas pronunciadas, quer a nível de resultados como dos motivos associados. Porém, observa-se que o comportamento nas atividades “Restauração e similares” foi de maior intensidade, contrastando com o comportamento das atividades “Alojamento” e das atividades do setor dos serviços que revelaram menor intensidade dos seus efeitos perante a crise económica ocorrida face a generalidade das atividades económicas do setor do turismo. Tal indica que as atividades de “Restauração e similares” apresentam uma maior percentagem de trabalhadores em regime de trabalho a tempo parcial, enquanto as atividades “Alojamento” e atividades do setor dos serviços detêm uma menor percentagem, face à generalidade das atividades que compõe o setor do turismo.¹⁹

¹⁸ Para consultar a descrição das atividades económicas consideradas, por Tipo de Contrato, ver o Anexo B, Tabelas B.20, B.21, B.22 e B.23.

¹⁹ Para consultar a descrição das atividades económicas consideradas, por Regime de Contrato, ver o Anexo B, Tabelas B.24, B.25, B.26 e B.27.

Conclusão

As variáveis dos Quadros de Pessoal permitem obter o retrato detalhado do ajustamento do emprego. A presente dissertação procurou compreender a evolução do emprego no setor do turismo português e, simultaneamente, verificar quais os desafios enfrentados pelas entidades turísticas, no período compreendido entre 2008 e 2012. Particularmente, face à crise económica sucedida, pretendia-se conhecer as preferências dos empregadores no mercado de trabalho, nomeadamente, saber qual o tipo de trabalhadores mais afetados.

Em Portugal, quer as taxas anuais de criação e destruição de postos de trabalho, quer as taxas anuais de admissão e separação de trabalhadores, apresentam valores elevados, principalmente no setor do turismo, sendo semelhantes às encontradas nas diversas economias, principalmente nos países europeus. A significativa atividade de reafecção do emprego no turismo é realçada na literatura, e observa-se que os fluxos de trabalhadores são bastante superiores aos fluxos de postos de trabalho, o que significa que cada criação e cada destruição de um posto de trabalho não gera, respetivamente, apenas uma admissão e uma separação de trabalhadores, respetivamente. Os fluxos de emprego, no setor do turismo português, e simultaneamente no setor dos serviços, revelaram um comportamento pro-cíclico, ou seja, caracterizaram-se por variações positivas do emprego em fases de expansão do ciclo económico, nomeadamente, no ano de 2008, e em contraponto, por variações negativas do emprego em fases recessivas do ciclo económico, ou seja, a partir do ano 2009. Após a crise financeira desencadeada nos Estados Unidos, tornando-se numa crise económica global, no ano de 2008, os empregadores adaptaram as suas expetativas no mercado de trabalho, com base no contexto macroeconómico observado no país. Uma vez que as expetativas são desfasadas face aos fenómenos económicos ocorridos, tal como a atuação dos empregadores, o mercado de trabalho do setor do turismo, e dos serviços, apenas se ressentiram do impacto da crise económica no ano 2009, e especialmente, no ano 2010. A deterioração do ciclo económico originou variações líquidas negativas do emprego, uma vez que os empregadores reagiram, em termos de fluxos de emprego, sobretudo, aumentando os fluxos de destruição motivados pelo maior encerramento de empresas. Com a diminuição do número de empresas nos setores, os trabalhadores foram afetados, uma vez que houve um aumento dos fluxos de separação de trabalhadores, existindo a saída dos mesmos do

mercado de trabalho. No ano 2011, verificou-se uma pequena recuperação económica, na qual a capacidade de aumentar as taxas de criação de postos de trabalho e, sequentemente, as taxas de admissão de trabalhadores se revelou particularmente importante nos setores em análise. No entanto, ao longo do período, o setor dos serviços transmitiu uma resposta de atuação dos empregadores mais positiva do que a identificada no setor do turismo. O facto de o setor dos serviços apresentar fluxos de emprego de valores inferiores, principalmente, no que concerne aos fluxos de destruição de postos de trabalho e aos fluxos de separação de trabalhadores, originou uma dinâmica mais favorável dos fluxos de emprego no mercado de trabalho do setor dos serviços. Deste modo, os efeitos da recessão económica nos fluxos de emprego deste setor não foram tão pronunciados, e inclusive, assistiu-se, no ano 2011, a uma resposta bastante favorável por parte dos empregadores do setor dos serviços, ao aumentar consideravelmente os fluxos de criação de postos de trabalho por novas empresas, provocando a um aumento dos fluxos de contratação de trabalhadores, o que proporcionou uma variação líquida positiva de emprego nesse ano. De acordo com a análise setorial, o turismo demonstrou ser mais sensível às fases do ciclo económico do que os serviços, nomeadamente, em atividades económicas relacionadas com a restauração. Com o decorrer da crise financeira de 2008, a economia portuguesa caracterizou-se por uma fase de recessão económica, e o setor do turismo sofreu maiores perdas a nível do ajustamento do emprego do que o setor dos serviços.

A análise do ajustamento do emprego foi elaborada para as duas perspetivas do mercado de trabalho. Numa primeira fase, a evolução do emprego foi analisada para o lado da procura, através dos fluxos de postos de trabalho. A atuação dos empregadores consistiu, ao longo do período, em diminuir os fluxos de criação e aumentar os fluxos de destruição de postos de trabalho. Tal provocou uma variação líquida negativa do emprego e aumentou os fluxos de rotação de postos de trabalho. Face à crise económica, a reação das empresas constou, sobretudo, no aumento dos fluxos de destruição de postos de trabalho devido ao encerramento de empresas. No entanto, o setor do turismo e o setor dos serviços responderam de forma ativa, no período consequente, diminuindo os encerramentos de empresas e, inclusive, aumentando o número de novas empresas no setor. De acordo com os resultados dos fluxos a nível regional, verificou-se que a criação líquida do emprego foi negativa, ao longo do período, ou seja, os fluxos de destruição expressaram-se nitidamente superiores aos fluxos de criação de postos de trabalho.

Relativamente ao setor do turismo, a região Algarve, um dos principais destinos turísticos, foi a região mais afetada, devido aos elevados fluxos de destruição por contração de empresas, em termos comparativos, e por oposição, o Norte foi a região menos afetada. Posteriormente, o ajustamento do emprego foi observado pelo lado da oferta, através dos fluxos de trabalhadores. Perante a reação dos empregadores, existiu, ao longo do período de referência, uma diminuição dos fluxos de admissão e um aumento dos fluxos de separação de trabalhadores. A conjugação dos efeitos provocou uma variação líquida negativa do emprego e fluxos de rotação de trabalhadores elevados, embora decrescentes, nos setores considerados. O aumento do encerramento de empresas, resposta dos empregadores face à crise económica, desencadeou um aumento dos fluxos de despedimentos de trabalhadores de carácter involuntário e a uma diminuição das separações de trabalhadores de carácter voluntário, comportamento típico em fases recessivas. Os trabalhadores mais afetados pela grande recessão ocorrida, no setor do turismo, foram os trabalhadores do sexo feminino, trabalhadores com faixa etária mais elevada, ou seja, com idade superior a 30 anos, trabalhadores com habilitações literárias de baixo nível, nomeadamente, com níveis de escolaridade de ensino básico, trabalhadores com contratos sem termo e trabalhadores com regime de contrato a tempo completo. Ao longo do período, o mercado de trabalho do setor do turismo renovou a sua força de trabalho, aumentando o peso relativo de trabalhadores do sexo masculino, de trabalhadores jovens, dotados de níveis de escolaridade mais elevados e que aceitassem contratos a termo e em regime de tempo parcial.

É importante salientar que a crise económica é um acontecimento bastante recente e que os efeitos não são imediatamente produzidos no mercado de trabalho, e por esse motivo, é aconselhada a devida precaução na interpretação dos resultados alcançados. Em suma, o objetivo da presente dissertação consistiu na quantificação dos fluxos de emprego, no período entre 2008 e 2012, de modo a averiguar se o ajustamento do emprego do setor do turismo se diferencia de outros setores e, simultaneamente, verificar se o setor do turismo sincroniza com o ciclo económico. No entanto, um estudo que abrangesse, adicionalmente, os últimos anos, nomeadamente, o período 2013-2015, revelaria de melhor forma o impacto da crise e dos desafios que a mesma originou à economia portuguesa, especialmente, ao setor do turismo, pelo que se constitui a grande ideia para investigação futura de um trabalho relacionado com o ajustamento do emprego. Porém,

para a elaboração de tal estudo, teria que se usar uma base de dados alternativa à adotada nesta dissertação, uma vez que os Quadros de Pessoal só apresentam dados até o ano de 2012, inclusive. A adoção de uma metodologia alternativa, como por exemplo, a utilização das bases de dados das remunerações declaradas à Segurança Social, em termos trimestrais, para o mesmo período de referência, seria outra sugestão para estudos futuros.

Referências Bibliográficas

- Anyadike-Danes, M., Bonner, K. and Hart M. (2011), “ *Job creation and destruction in the UK: 1998-2010*”, Birmingham: Aston Business School, Department for Business Innovation & Skills (BIS).
- Banco de Portugal (2013), “Contratação, rotação e criação de emprego”, *Boletim Económico Verão 2013*, Banco de Portugal, Vol. 19, N°2, pp. 31-36.
- Banco de Portugal (2014), “Análise do Setor do Turismo”, *Estudos da Central de Balanços*, Outubro 2014, N° 17, https://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Estudos%20da%20CB_17_2014.pdf, acedido em 23 Novembro de 2015.
- Banco Espírito Santo (2013), “ Turismo – Evolução recente e perspectivas”, *Espírito Santo Research*, Junho de 2013, <http://www.novobancodosacores.pt/site/?plg=dba7647a-5127-4302-ac33-45f01a93dae0>, acedido em 6 de Março de 2016.
- Bernardo, E. (2013), “ Uma Introdução ao Turismo – Conceitos, classificações e tipologias”, *CIES e- Working Papers*, N° 164, http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=WP_CIES164_Bernardo.pdf [acedido em 18 de Janeiro 2016].
- Burns, A. and Mitchell, W. (1946), *Measuring Business Cycles*, NBER, New Work.
- Carneiro, A., Portugal, P. and Varejão, J. (2014), “ Catastrophic job Destruction during the Portuguese Economic Crisis”, *Journal of Macroeconomics*, Vol.39, Part B, pp. 444-457.
- Centeno, M., Machado, C. and Novo, A. (2007), “ Job creation and destruction ”, *Economic Bulletin Winter 2007*, Banco de Portugal, Vol. 13, N° 4, pp. 75- 101.

- Centeno, M., Machado, C. and Novo, A. (2008), “ The anatomy of employment growth in portuguese firms “, *Economic Bulletin Summer 2008*, Banco de Portugal, Vol. 14, N° 2, pp. 65- 89.
- Comissão Europeia (2016), Relatório relativo a Portugal 2016, http://ec.europa.eu/europe2020/pdf/csr2016/cr2016_portugal_pt.pdf, acedido a 1 de Setembro de 2016
- Costa, E.P. e Palmeira, R. (2013), “ A Atividade Turística em Portugal “, *Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia*, BMEP, N° 10.
- Davis, S. J., Faberman, J. R. and Haltiwanger, J. C. (2006), “ The flow approach to Labor Markets: New Data Sources and Micro-Macro links”, *Jornal of Economics Perspectives*, Vol.20, N°3, pp. 3-26.
- Davis, S. J., Haltiwanger, J. C. and Schuh, S. (1996), *Job Creation and Destruction*, Cambridge (Ma): MIT Press
- Eurostat (2015), “Tourism industries – employment”, http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Tourism_industries_-_employment, acedido a 12 de Abril 2016.
- Instituto Nacional de Estatística (2007), *Classificação Portuguesa das Atividades Económicas Rev.3*, Edição 2007, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, I.P, https://www.ine.pt/ine_novidades/semin/cae/CAE_REV_3.pdf, acedido em 1 Abril 2016.
- Instituto Nacional de Estatística (2008), “Conta Satélite do Turismo – Portugal”, *Departamento de Contas Nacionais, Serviço de Contas Satélite*, <http://estatistica.azores.gov.pt/upl/%7Ba2b8f54b-9877-403c-b356-2510e217f022%7D.pdf>, acedido em 29 de Fevereiro 2016.

Instituto Nacional de Estatística (2015), “ Enquadramento Económico do Turismo Português “, *Estatísticas do Turismo 2014*, pp. 23-29, https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=139601&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt, acedido a 22 de Outubro 2015.

OCDE (2009), “ How Do Industry, Firm and Worker Characteristics Shape Job and Worker Flows?”, *OECD Employment Outlook*, 2009, pp. 117-151.

Turismo de Portugal (2009), “ O Turismo na Economia – Indicadores de Atividade Turística e Económica em Portugal”, *Direção de Estudos e Planeamento Estratégico/ Departamento de Informação Estatística*, Julho de 2009, <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/contasat%C3%A9litedoturismo/Anexos/RELAT%C3%93RIOS%20CST%20-%2003%2009%2006%20-%20indicadores%20da%20atividade%20tur%C3%ADstica%20e%20econ%C3%B3mica%20em%20portugal.pdf>, acedido em 29 de Fevereiro 2016.

Turismo de Portugal (2011), “ Evolução do contributo do Turismo para a economia portuguesa 2000-2010”, *Direção de Estudos e Planeamento Estratégico/ Departamento de Informação Estatística*, Turismo de Portugal, Setembro de 2011, <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/contasat%C3%A9litedoturismo/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Conta%20Satelite%20Turismo%202000-2010%20base2006.pdf>, acedido em 17 de Março 2016.

Turismo de Portugal (2015a), “ Anuário das Estatísticas do Turismo 2013”, *Direção de Planeamento Estratégico*, Março de 2015, <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/oturismoem/Pages/OTurismoem.aspx>, acedido em 3 Março de 2016

Turismo de Portugal (2015b), “Turismo 2020 – Cinco princípios para uma ambição”, *Turismo de Portugal*, <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/newsletter/2015/Documents/TURISMO2020-5Principios.pdf>, acedido em 17 de Fevereiro 2016.

United Nations and World Tourism Organization (1994), “Recommendations on Tourism Statistics”, *Statistical Papers*, Série M, N°83, http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83e.pdf [acedido em 27 de Dezembro 2015].

Vilaverde, Tiago (2013), “Ajustamento do emprego e dos salários no setor bancário em Portugal: análise dos fluxos de emprego entre 2002 e 2009”, *Tese de Mestrado em Economia e Gestão de Recursos Humanos, Faculdade de Economia do Porto*, pp. 4-24.

World Tourism Organization (2015), “Tourism in numbers”, *UNWTO Annual Report 2014*, UNWTO, pp. 10-15, http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/unwto_annual_report_2014.pdf, acedido em 21 Março de 2016.

World Tourism Organization and International Labour Organization (2014), “Measuring Employment in the Tourism Industries – Guide with Best Practises”, *UNWTO*, http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_dialogue/---sector/documents/publication/wcms_329309.pdf, acedido em 4 de Abril 2016.

World Travel & Tourism Council (2015), “The Economic Impact of Travel & Tourism 2015, Portugal”, *WTTC*.

Anexos

Anexo A – Questões de Investigação

Tabela A.1 – Composição do Setor do Turismo, CAE rev.3

Designação	Subclasse	Segmento de atividade económica
Transportes terrestres e transportes por oleodutos ou gasodutos	49320	Transporte ocasional de passageiros em veículos ligeiros
	49392	Outros transportes terrestres de passageiros diversos, n.e
Transportes por água	50101	Transportes marítimos não costeiros de passageiros
	50102	Transportes costeiros e locais de passageiros
	50300	Transportes de passageiros por vias navegáveis interiores
Transportes aéreos	51100	Transportes aéreos de passageiros
Armazenagem e actividades auxiliares dos transportes	52213	Outras actividades auxiliares dos transportes terrestres
	52220	Actividades auxiliares dos transportes por água
	52230	Actividades auxiliares dos transportes aéreos
Alojamento	55111	Hotéis com restaurante
	55112	Pensões com restaurante
	55113	Estalagens com restaurante
	55114	Pousadas com restaurante
	55115	Motéis com restaurante
	55116	Hotéis-Apartamentos com restaurante
	55117	Aldeamentos turísticos com restaurante
	55118	Apartamentos turísticos com restaurante
	55119	Outros estabelecimentos hoteleiros com restaurante
	55121	Hotéis sem restaurante
	55122	Pensões sem restaurante
	55123	Apartamentos turísticos sem restaurante
	55124	Outros estabelecimentos hoteleiros sem restaurante
	55201	Alojamento mobilado para turistas
	55202	Turismo no espaço rural
	55203	Colónias e campos de férias
	55204	Outros locais de alojamento de curta duração
	55300	Parques de campismo e de caravanismo
	55900	Outros locais de alojamento
Restauração e similares	56101	Restaurantes tipo tradicional
	56102	Restaurantes com lugares ao balcão
	56103	Restaurantes sem serviço de mesa
	56104	Restaurantes típicos
	56105	Restaurantes com espaço de dança
	56106	Confecção de refeições prontas a levar para casa
	56107	Restaurantes, n.e. (inclui actividades de restauração em meios móveis)
	56210	Fornecimento de refeições para eventos
	56301	Cafés
	56302	Bares
	56303	Pastelarias e casas de chá
	56304	Outros estabelecimentos de bebidas sem espectáculo
	56305	Estabelecimentos de bebidas com espaço de dança
Actividades de aluguer	77110	Aluguer de veículos automóveis ligeiros
	77340	Aluguer de meios de transporte marítimo e fluvial
	77350	Aluguer de meios de transporte aéreo

Agências de viagem, operadores turísticos, outros serviços de reservas e actividades relacionadas	79110	Actividades das agências de viagem
	79120	Actividades dos operadores turísticos
	79900	Outros serviços de reservas e actividades relacionadas
Actividades de saúde humana	86905	Actividades termais
Actividades de teatro, de música, de dança e outras actividades artísticas e literárias	90010	Actividades das artes do espectáculo
	90020	Actividades de apoio às artes do espectáculo
	90040	Exploração de salas de espectáculos e actividades conexas
Actividades das bibliotecas, arquivos, museus e outras actividades culturais	91020	Actividades dos museus
	91030	Actividades dos sítios e monumentos históricos
	91041	Actividades dos jardins zoológicos, botânicos e aquários
	91042	Actividade dos parques e reservas naturais
Actividades desportivas, de diversão e recreativas	93110	Gestão de instalações desportivas
	93210	Actividades dos parques de diversão e temáticos
	93292	Actividades dos portos de recreio (marinas)
	93293	Organização de actividades de animação turística
	93294	Outras actividades de diversão e recreativas, n.e
Outras actividades de serviços pessoais	96040	Actividades de bem-estar físico

Fonte: Tabela criada pela autora com base no artigo Banco de Portugal (2014), pp 43-45 e Quadros de Pessoal

Tabela A.2 – Composição do Setor dos Serviços, CAE rev.3

Divisão	Designação
H	Transportes e Armazenagem
I	Alojamento, Restauração e similares
J	Atividades de informação e comunicação
K	Atividades financeiras e de seguros
L	Atividades imobiliárias
M	Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares
N	Atividades administrativas e dos serviços de apoio
O	Administração pública e defesa, segurança social obrigatória
P	Educação
Q	Atividades de saúde humana e apoio social
R	Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas
S	Outras atividades de serviços
T	Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio
U	Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extra-terroitoriais

Fonte: Tabela criada pela autora com base nos Quadros de Pessoal

Tabela A.3 – Composição das variáveis referentes às características dos trabalhadores

Classe	Subclasse	Designação nos Quadros de Pessoal
Género	Masculino	Homem
	Feminino	Mulher
Faixa etária	18-30	0-100
	30-50	
	>50	
Habilitações literárias	Inferior ao Ensino Básico	Inferior ao 1º Ciclo do Ensino Básico
	Ensino Básico	Ensino Básico
	Ensino Secundário	Ensino Secundário
		Ensino Pós Secundário não Superior Nível IV
	Ensino Superior	Licenciatura
		Mestrado
		Doutoramento
Tipo de contrato	Sem termo	Contratos sem termo
	Com termo	Contratos com termo
	Diversos	Contrato de trabalho por tempo indeterminado para cedência temporária
		Contrato de trabalho a termo para cedência temporária
		Não enquadrável
Regime de contrato	Tempo completo	Trabalho a tempo completo
	Tempo parcial	Trabalho a tempo parcial

Fonte: Tabela criada pela autora com base nos Quadros de Pessoal

Anexo B – Análise dos Resultados

Tabela B.1 – Taxa churning, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012

Ano	Rotação dos postos de trabalho	Rotação de trabalhadores	Churning rates
2008	33,08%	73,81%	40,73%
2009	31,89%	66,66%	34,76%
2010	40,30%	72,59%	32,29%
2011	34,20%	69,46%	35,26%
2012	37,43%	66,02%	28,60%
Média	35,38%	69,71%	34,33%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.2 – Taxa churning, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Ano	Rotação dos postos de trabalho	Rotação de trabalhadores	Churning rates
2008	19,44%	56,01%	36,57%
2009	20,79%	52,40%	31,61%
2010	28,06%	57,00%	28,94%
2011	25,31%	54,80%	29,49%
2012	22,00%	50,18%	28,18%
Média	23,12%	54,08%	30,96%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.3 – Taxa Churning, Setor dos Serviços, 2008-2012

Ano	Rotação dos postos de trabalho	Rotação de trabalhadores	Churning rates
2008	25,36%	62,13%	36,77%
2009	24,87%	57,92%	33,05%
2010	33,17%	63,06%	29,89%
2011	25,00%	55,38%	30,38%
2012	25,38%	51,92%	26,54%
Média	26,76%	58,08%	31,33%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.4 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, Setor do Turismo, 2008-2012

NUTS II	Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
		Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
Norte	2008	16,59%	7,99%	8,60%	13,14%	6,33%	6,81%	3,45%	29,73%	26,28%
	2009	14,21%	6,80%	7,41%	14,17%	6,87%	7,30%	0,04%	28,38%	28,34%
	2010	13,98%	6,41%	7,57%	22,55%	8,07%	14,48%	-8,57%	36,53%	27,96%
	2011	14,71%	6,42%	8,29%	15,80%	7,83%	7,97%	-1,09%	30,51%	29,42%
	2012	12,75%	4,65%	8,10%	20,45%	10,50%	9,95%	-7,70%	33,20%	25,50%
Centro	2008	17,67%	8,22%	9,45%	16,04%	7,68%	8,36%	1,63%	33,71%	32,08%
	2009	15,73%	7,03%	8,69%	16,12%	8,35%	7,77%	-0,39%	31,85%	31,45%
	2010	15,08%	7,16%	7,92%	25,14%	8,88%	16,26%	-10,06%	40,22%	30,16%
	2011	14,99%	5,99%	9,01%	17,02%	8,55%	8,47%	-2,03%	32,01%	29,98%
	2012	13,10%	4,69%	8,40%	21,65%	10,76%	10,89%	-8,56%	34,75%	26,19%
Lisboa	2008	13,97%	7,66%	6,31%	12,19%	5,51%	6,68%	1,78%	26,15%	24,37%
	2009	11,27%	5,82%	5,45%	13,43%	7,15%	6,28%	-2,16%	24,70%	22,54%
	2010	9,91%	5,42%	4,50%	22,13%	7,41%	14,72%	-12,21%	32,04%	19,82%
	2011	13,03%	4,79%	8,24%	14,34%	7,32%	7,03%	-1,31%	27,38%	26,07%
	2012	10,04%	3,85%	6,20%	16,41%	8,80%	7,60%	-6,36%	26,45%	20,08%
Alentejo	2008	20,21%	9,55%	10,66%	18,25%	8,52%	9,72%	1,96%	38,45%	36,49%
	2009	19,12%	7,44%	11,68%	17,85%	7,70%	10,15%	1,27%	36,97%	35,69%
	2010	15,36%	7,32%	8,04%	28,58%	9,39%	19,19%	-13,22%	43,94%	30,72%
	2011	19,24%	6,78%	12,46%	18,12%	7,77%	10,35%	1,12%	37,37%	36,25%
	2012	13,42%	4,55%	8,87%	23,15%	10,79%	12,37%	-9,73%	36,58%	26,85%
Algarve	2008	18,52%	9,48%	9,04%	14,09%	7,62%	6,46%	4,43%	32,61%	28,17%
	2009	12,35%	5,76%	6,60%	21,50%	12,71%	8,80%	-9,15%	33,86%	24,71%
	2010	11,41%	5,39%	6,02%	24,72%	10,17%	14,55%	-13,30%	36,13%	22,82%
	2011	20,55%	7,73%	12,82%	16,63%	9,43%	7,20%	3,92%	37,19%	33,27%
	2012	13,96%	5,44%	8,51%	20,46%	11,19%	9,27%	-6,50%	34,41%	27,92%
Norte	Média	14,45%	6,45%	7,99%	17,22%	7,92%	9,30%	-2,77%	31,67%	27,50%
Centro		15,31%	6,62%	8,69%	19,19%	8,84%	10,35%	-3,88%	34,51%	29,97%
Lisboa		11,65%	5,51%	6,14%	15,70%	7,24%	8,46%	-4,05%	27,34%	22,58%
Alentejo		17,47%	7,13%	10,34%	21,19%	8,83%	12,36%	-3,72%	38,66%	33,20%
Algarve		15,36%	6,76%	8,60%	19,48%	10,22%	9,26%	-4,12%	34,84%	27,38%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.5 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, atividade económica
“Restauração e similares”, 2008-2012

Nuts II	Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
		Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
Norte	2008	4,56%	2,04%	2,51%	3,76%	1,70%	2,06%	0,80%	8,32%	7,52%
	2009	3,92%	1,66%	2,26%	4,01%	1,85%	2,16%	-0,09%	7,93%	8,02%
	2010	4,15%	1,95%	2,20%	5,79%	2,05%	3,75%	-1,65%	9,94%	11,59%
	2011	4,06%	1,62%	2,43%	4,75%	2,28%	2,46%	-0,69%	8,81%	9,49%
	2012	3,79%	1,26%	2,53%	6,18%	3,01%	3,17%	-2,39%	9,96%	12,35%
Centro	2008	2,88%	1,21%	1,68%	2,66%	1,20%	1,46%	0,23%	5,54%	5,31%
	2009	2,56%	1,04%	1,52%	2,61%	1,29%	1,32%	-0,05%	5,17%	5,22%
	2010	2,41%	1,14%	1,27%	4,09%	1,34%	2,75%	-1,68%	6,50%	8,17%
	2011	2,53%	0,90%	1,64%	2,87%	1,37%	1,50%	-0,34%	5,41%	5,75%
	2012	2,21%	0,71%	1,50%	3,62%	1,70%	1,92%	-1,41%	5,82%	7,24%
Lisboa	2008	6,66%	3,84%	2,82%	5,24%	2,67%	2,57%	1,42%	11,90%	10,49%
	2009	5,88%	3,23%	2,66%	5,80%	2,77%	3,04%	0,08%	11,69%	11,61%
	2010	4,56%	2,66%	1,90%	10,28%	3,60%	6,68%	-5,72%	14,83%	20,55%
	2011	5,78%	2,42%	3,36%	7,27%	4,16%	3,11%	-1,49%	13,05%	14,54%
	2012	5,60%	2,59%	3,01%	9,01%	5,41%	3,60%	-3,41%	14,61%	18,02%
Alentejo	2008	0,98%	0,39%	0,59%	0,97%	0,44%	0,53%	0,01%	1,95%	1,94%
	2009	0,90%	0,35%	0,55%	0,93%	0,37%	0,56%	-0,03%	1,83%	1,86%
	2010	0,73%	0,28%	0,45%	1,39%	0,43%	0,96%	-0,66%	2,11%	2,77%
	2011	0,88%	0,28%	0,60%	0,99%	0,39%	0,60%	-0,10%	1,87%	1,97%
	2012	0,62%	0,17%	0,44%	1,16%	0,52%	0,64%	-0,54%	1,78%	2,32%
Algarve	2008	2,08%	1,00%	1,08%	1,72%	0,81%	0,91%	0,36%	3,80%	3,44%
	2009	1,56%	0,67%	0,89%	2,28%	1,18%	1,10%	-0,72%	3,84%	4,56%
	2010	1,44%	0,64%	0,80%	2,81%	1,09%	1,72%	-1,37%	4,26%	5,62%
	2011	2,12%	0,83%	1,30%	2,02%	1,00%	1,02%	0,11%	4,14%	4,03%
	2012	1,77%	0,59%	1,18%	2,53%	1,23%	1,30%	-0,76%	4,30%	5,05%
Norte	Média	4,09%	1,71%	2,39%	4,90%	2,18%	2,72%	-0,80%	8,99%	9,79%
Centro		2,52%	1,00%	1,52%	3,17%	1,38%	1,79%	-0,65%	5,69%	6,34%
Lisboa		4,58%	2,43%	2,15%	5,72%	2,64%	3,08%	-1,14%	10,29%	11,44%
Alentejo		0,82%	0,29%	0,53%	1,09%	0,43%	0,66%	-0,26%	1,91%	2,17%
Algarve		1,80%	0,75%	1,05%	2,27%	1,06%	1,21%	-0,47%	4,07%	4,54%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.6 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

NUTS II	Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
		Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
Norte	2008	10,44%	6,56%	3,88%	9,34%	5,26%	4,07%	1,10%	19,77%	18,67%
	2009	10,76%	7,81%	2,95%	9,77%	6,30%	3,47%	0,99%	20,53%	19,54%
	2010	14,11%	6,80%	7,32%	16,50%	8,89%	7,61%	-2,38%	30,61%	28,23%
	2011	12,49%	5,76%	6,74%	11,70%	6,36%	5,34%	0,80%	24,19%	23,39%
	2012	8,93%	3,96%	4,97%	15,68%	10,68%	5,00%	-6,75%	24,61%	17,85%
Centro	2008	11,44%	8,71%	2,73%	10,60%	6,16%	4,44%	0,84%	22,03%	21,19%
	2009	10,68%	5,95%	4,73%	12,61%	8,46%	4,15%	-1,92%	23,29%	21,37%
	2010	11,15%	5,74%	5,42%	17,93%	9,03%	8,89%	-6,77%	29,08%	22,31%
	2011	10,32%	5,49%	4,83%	9,98%	6,81%	3,17%	0,34%	20,30%	19,95%
	2012	8,76%	4,53%	4,23%	14,35%	10,45%	3,90%	-5,59%	23,11%	17,52%
Lisboa	2008	7,91%	4,96%	2,95%	6,25%	4,65%	1,60%	1,67%	14,16%	12,49%
	2009	5,09%	3,30%	1,78%	12,38%	9,34%	3,04%	-7,29%	17,46%	10,17%
	2010	7,42%	5,44%	1,98%	15,38%	8,27%	7,11%	-7,96%	22,79%	14,83%
	2011	14,92%	4,81%	10,11%	12,69%	7,16%	5,53%	2,24%	27,61%	25,38%
	2012	9,86%	3,80%	6,05%	11,16%	7,63%	3,53%	-1,30%	21,01%	19,71%
Alentejo	2008	21,63%	15,67%	5,96%	12,46%	7,39%	5,07%	9,16%	34,09%	24,93%
	2009	20,44%	5,80%	14,64%	5,18%	8,92%	-3,75%	15,26%	25,61%	10,35%
	2010	8,95%	4,73%	4,22%	26,03%	11,11%	14,92%	-17,08%	34,98%	17,90%
	2011	20,73%	9,18%	11,55%	12,07%	7,52%	4,54%	8,66%	32,80%	24,14%
	2012	10,74%	4,60%	6,14%	21,77%	11,71%	10,06%	-11,03%	32,51%	21,48%
Algarve	2008	15,64%	7,80%	7,85%	10,80%	6,98%	3,81%	4,85%	26,44%	21,60%
	2009	6,51%	3,43%	3,08%	19,78%	15,15%	4,63%	-13,27%	26,28%	13,01%
	2010	6,71%	3,53%	3,18%	17,89%	7,90%	9,99%	-11,18%	24,60%	13,42%
	2011	19,51%	7,11%	12,39%	12,56%	8,65%	3,92%	6,94%	32,07%	25,13%
	2012	9,32%	4,61%	4,71%	14,23%	10,44%	3,79%	-4,91%	23,54%	18,63%
Norte	Média	11,35%	6,18%	5,17%	12,60%	7,50%	5,10%	-1,25%	23,94%	21,54%
Centro		10,47%	6,08%	4,39%	13,09%	8,18%	4,91%	-2,62%	23,56%	20,47%
Lisboa		9,04%	4,46%	4,58%	11,57%	7,41%	4,16%	-2,53%	20,61%	16,52%
Alentejo		16,50%	7,99%	8,50%	15,50%	9,33%	6,17%	1,00%	32,00%	19,76%
Algarve		11,54%	5,30%	6,24%	15,05%	9,82%	5,23%	-3,52%	26,59%	18,36%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.7 – Fluxos de postos de trabalho por NUTS II, Setor dos Serviços, 2008-2012

NUTS II	Ano	Criação de postos de trabalho			Destruição de postos de trabalho			Variação Líquida do Emprego	Rotação de postos de trabalho	Excesso de Rotação de postos de trabalho
		Total	Expansão de Empresas	Novas Empresas	Total	Contração de Empresas	Encerramento de Empresas			
Norte	2008	15,77%	9,50%	6,27%	11,72%	4,97%	6,75%	4,05%	27,49%	23,44%
	2009	12,61%	7,34%	5,27%	15,00%	5,83%	9,17%	-2,39%	27,61%	25,21%
	2010	13,95%	6,58%	7,36%	20,91%	6,58%	14,32%	-6,96%	34,85%	27,90%
	2011	13,11%	6,21%	6,89%	13,02%	6,14%	6,88%	0,09%	26,13%	26,04%
	2012	9,97%	4,79%	5,18%	14,59%	7,94%	6,66%	-4,63%	24,56%	19,93%
Centro	2008	14,92%	8,67%	6,25%	12,07%	5,37%	6,70%	2,84%	26,99%	24,14%
	2009	12,94%	7,63%	5,31%	13,66%	5,73%	7,93%	-0,72%	26,60%	25,88%
	2010	12,46%	6,57%	5,88%	21,50%	6,47%	15,03%	-9,04%	33,95%	24,91%
	2011	12,90%	6,72%	6,18%	12,52%	6,52%	5,99%	0,38%	25,42%	25,04%
	2012	11,66%	4,81%	6,85%	15,74%	7,45%	8,29%	-4,08%	27,40%	23,32%
Lisboa	2008	13,85%	9,59%	4,26%	8,88%	4,75%	4,13%	4,97%	22,72%	17,75%
	2009	10,08%	6,32%	3,76%	12,00%	7,63%	4,37%	-1,91%	22,08%	20,17%
	2010	10,06%	5,65%	4,40%	19,21%	7,19%	12,02%	-9,15%	29,26%	20,11%
	2011	12,45%	6,82%	5,63%	11,18%	6,29%	4,89%	1,27%	23,62%	22,36%
	2012	9,97%	6,10%	3,86%	14,78%	8,46%	6,32%	-4,82%	24,75%	19,93%
Alentejo	2008	17,14%	8,71%	8,43%	13,44%	5,34%	8,09%	3,70%	30,57%	26,87%
	2009	14,11%	7,46%	6,64%	14,38%	5,93%	8,45%	-0,27%	28,48%	28,21%
	2010	13,91%	6,41%	7,50%	23,10%	6,47%	16,64%	-9,19%	37,01%	27,82%
	2011	14,13%	6,44%	7,69%	15,26%	6,45%	8,81%	-1,13%	29,39%	28,26%
	2012	10,27%	5,28%	4,98%	16,17%	8,24%	7,93%	-5,90%	26,44%	20,53%
Algarve	2008	19,54%	10,26%	9,29%	13,70%	6,90%	6,80%	5,84%	33,24%	27,39%
	2009	13,43%	7,16%	6,27%	21,54%	10,28%	11,26%	-8,11%	34,97%	26,86%
	2010	11,66%	5,67%	5,99%	24,94%	8,80%	16,14%	-13,28%	36,60%	23,33%
	2011	17,43%	7,53%	9,90%	14,74%	8,21%	6,53%	2,69%	32,17%	29,48%
	2012	12,31%	5,56%	6,75%	18,06%	9,38%	8,67%	-5,74%	30,37%	24,62%
Norte	Média	13,08%	6,88%	6,20%	15,05%	6,29%	8,76%	-1,97%	28,13%	24,50%
Centro		12,97%	6,88%	6,10%	15,10%	6,31%	8,79%	-2,12%	28,07%	24,66%
Lisboa		11,28%	6,90%	4,38%	13,21%	6,86%	6,34%	-1,93%	24,49%	20,06%
Alentejo		13,91%	6,86%	7,05%	16,47%	6,48%	9,98%	-2,56%	30,38%	26,34%
Algarve		14,87%	7,24%	7,64%	18,59%	8,72%	9,88%	-3,72%	33,47%	26,34%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.8 – Fluxos de trabalhadores, por Género, Setor do Turismo, 2008-2012

Género	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Homem	2008	8,90%	6,52%	7,05%	6,52%	1,85%	28,98%	27,14%
	2009	7,06%	5,44%	7,65%	5,44%	-0,59%	25,60%	25,01%
	2010	6,73%	5,24%	12,31%	5,24%	-5,59%	29,52%	23,93%
	2011	8,30%	4,99%	8,23%	4,99%	0,07%	26,50%	26,43%
	2012	6,84%	4,40%	9,78%	4,40%	-2,94%	25,42%	22,48%
Mulher	2008	12,16%	7,14%	9,50%	7,14%	2,65%	35,94%	33,29%
	2009	9,21%	6,40%	10,38%	6,40%	-1,17%	32,40%	31,23%
	2010	8,12%	5,75%	15,20%	5,75%	-7,08%	34,81%	27,74%
	2011	10,25%	5,26%	10,49%	5,26%	-0,23%	31,27%	31,03%
	2012	8,31%	4,56%	12,32%	4,56%	-4,01%	29,74%	25,73%
Homem	Média	7,56%	5,32%	9,01%	5,32%	-1,44%	27,20%	25,00%
Mulher		9,61%	5,82%	11,58%	5,82%	-1,97%	32,83%	29,80%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.9 – Fluxos de trabalhadores, por Género, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012

Género	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Homem	2008	9,08%	6,09%	7,07%	6,09%	2,02%	28,34%	26,32%
	2009	7,43%	5,45%	7,53%	5,45%	-0,10%	25,85%	25,75%
	2010	6,71%	5,09%	11,47%	5,09%	-4,76%	28,34%	23,58%
	2011	8,47%	4,96%	8,51%	4,96%	-0,04%	26,90%	26,86%
	2012	6,70%	4,59%	10,00%	4,59%	-3,30%	25,88%	22,57%
Mulher	2008	14,91%	9,34%	11,89%	9,34%	3,02%	45,47%	42,45%
	2009	11,69%	8,34%	12,43%	8,34%	-0,75%	40,80%	40,06%
	2010	10,28%	8,09%	17,79%	8,09%	-7,51%	44,24%	36,73%
	2011	12,51%	8,24%	13,58%	8,24%	-1,08%	42,57%	41,49%
	2012	10,06%	7,29%	15,52%	7,29%	-5,46%	40,15%	34,69%
Homem	Média	7,68%	5,24%	8,91%	5,24%	-1,24%	27,06%	25,02%
Mulher		11,89%	8,26%	14,24%	8,26%	-2,35%	42,65%	39,08%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.10 – Fluxos de trabalhadores, por Género, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Género	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Homem	2008	6,53%	6,21%	5,58%	6,21%	0,95%	24,52%	23,56%
	2009	4,98%	5,20%	7,03%	5,20%	-2,05%	22,41%	20,36%
	2010	5,20%	5,16%	9,21%	5,16%	-4,01%	24,72%	20,71%
	2011	7,24%	5,63%	6,37%	5,63%	0,88%	24,86%	23,98%
	2012	6,19%	4,09%	8,02%	4,09%	-1,83%	22,39%	20,56%
Mulher	2008	9,62%	7,08%	7,87%	7,08%	1,75%	31,66%	29,90%
	2009	7,05%	6,27%	10,18%	6,27%	-3,13%	29,77%	26,64%
	2010	6,85%	5,75%	13,93%	5,75%	-7,08%	32,28%	25,20%
	2011	9,76%	5,73%	8,85%	5,73%	0,92%	30,08%	29,16%
	2012	8,08%	4,38%	10,87%	4,38%	-2,79%	27,72%	24,92%
Homem	Média	6,03%	5,26%	7,24%	5,26%	-1,21%	23,78%	21,84%
Mulher		8,27%	5,84%	10,34%	5,84%	-2,07%	30,30%	27,17%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.11 – Fluxos de trabalhadores, por Género, Setor dos Serviços, 2008-2012

Género	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Homem	2008	7,97%	6,88%	6,09%	6,88%	1,88%	27,82%	25,94%
	2009	6,30%	5,95%	7,27%	5,95%	-0,98%	25,47%	24,49%
	2010	6,36%	5,72%	10,14%	5,72%	-3,78%	27,95%	24,17%
	2011	7,36%	5,37%	6,98%	5,37%	0,38%	25,08%	24,70%
	2012	5,67%	4,81%	8,11%	4,81%	-2,45%	23,39%	20,95%
Mulher	2008	10,78%	7,91%	7,73%	7,91%	3,05%	34,33%	31,27%
	2009	8,46%	7,30%	9,38%	7,30%	-0,92%	32,45%	31,53%
	2010	8,03%	6,85%	13,38%	6,85%	-5,35%	35,11%	29,75%
	2011	9,09%	6,33%	8,54%	6,33%	0,55%	30,28%	29,74%
	2012	7,41%	5,79%	9,53%	5,79%	-2,11%	28,51%	26,40%
Homem	Média	6,73%	5,74%	7,72%	5,74%	-0,99%	25,94%	24,05%
Mulher		8,75%	6,84%	9,71%	6,84%	-0,96%	32,14%	29,74%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.12 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, Setor do Turismo, 2008-2012

Faixa Etária	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
18-30	2008	9,35%	5,76%	5,97%	5,76%	3,39%	26,83%	23,44%
	2009	7,35%	4,93%	6,49%	4,93%	0,85%	23,70%	22,85%
	2010	6,57%	4,47%	8,53%	4,47%	-1,96%	24,04%	22,08%
	2011	7,86%	4,07%	6,46%	4,07%	1,40%	22,45%	21,06%
	2012	6,38%	3,40%	7,17%	3,40%	-0,79%	20,37%	19,58%
30-50	2008	8,59%	6,33%	7,11%	6,33%	1,48%	28,36%	26,88%
	2009	6,49%	5,57%	7,79%	5,57%	-1,31%	25,42%	24,12%
	2010	5,91%	5,23%	12,77%	5,23%	-6,87%	29,13%	22,26%
	2011	7,99%	4,90%	8,13%	4,90%	-0,14%	25,93%	25,79%
	2012	6,59%	4,40%	10,07%	4,40%	-3,49%	25,46%	21,98%
>50	2008	2,57%	1,41%	3,15%	1,41%	-0,57%	8,55%	7,98%
	2009	2,06%	1,23%	3,43%	1,23%	-1,36%	7,95%	6,58%
	2010	2,05%	1,20%	5,91%	1,20%	-3,87%	10,36%	6,49%
	2011	2,53%	1,21%	3,90%	1,21%	-1,38%	8,85%	7,48%
	2012	2,09%	1,13%	4,76%	1,13%	-2,67%	9,12%	6,45%
18-30	Média	7,50%	4,53%	6,92%	4,53%	0,58%	23,48%	21,80%
30-50		7,11%	5,29%	9,18%	5,29%	-2,06%	26,86%	24,21%
>50		2,26%	1,24%	4,23%	1,24%	-1,97%	8,97%	6,99%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.13 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012

Faixa Etária	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
18-30	2008	10,61%	6,55%	7,15%	6,55%	3,46%	30,86%	27,40%
	2009	8,83%	5,68%	7,48%	5,68%	1,36%	27,67%	26,31%
	2010	7,95%	5,24%	9,76%	5,24%	-1,81%	28,18%	26,37%
	2011	9,15%	4,91%	8,12%	4,91%	1,03%	27,10%	26,06%
	2012	7,41%	4,25%	8,96%	4,25%	-1,56%	24,88%	23,32%
30-50	2008	9,92%	7,19%	8,24%	7,19%	1,68%	32,54%	30,86%
	2009	7,59%	6,55%	8,77%	6,55%	-1,18%	29,45%	28,27%
	2010	6,60%	6,33%	13,54%	6,33%	-6,94%	32,79%	25,85%
	2011	8,94%	6,50%	9,63%	6,50%	-0,70%	31,58%	30,88%
	2012	7,06%	5,91%	11,58%	5,91%	-4,52%	30,45%	25,94%
>50	2008	2,68%	1,48%	3,10%	1,48%	-0,43%	8,75%	8,32%
	2009	2,15%	1,41%	3,27%	1,41%	-1,11%	8,24%	7,12%
	2010	1,96%	1,49%	5,57%	1,49%	-3,61%	10,52%	6,91%
	2011	2,64%	1,69%	4,02%	1,69%	-1,38%	10,04%	8,66%
	2012	2,18%	1,68%	4,84%	1,68%	-2,66%	10,38%	7,72%
18-30	Média	8,79%	5,33%	8,29%	5,33%	0,50%	27,74%	25,89%
30-50		8,02%	6,50%	10,35%	6,50%	-2,33%	31,36%	28,36%
>50		2,32%	1,55%	4,16%	1,55%	-1,84%	9,58%	7,74%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.14 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Faixa Etária	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
18-30	2008	7,58%	5,10%	4,69%	5,10%	2,89%	22,48%	19,59%
	2009	5,42%	4,57%	5,76%	4,57%	-0,34%	20,33%	19,98%
	2010	5,43%	4,09%	6,96%	4,09%	-1,54%	20,58%	19,04%
	2011	7,24%	3,91%	4,85%	3,91%	2,39%	19,90%	17,51%
	2012	6,18%	3,06%	5,68%	3,06%	0,51%	17,98%	17,47%
30-50	2008	6,43%	6,54%	5,87%	6,54%	0,56%	25,38%	24,81%
	2009	4,97%	5,48%	7,35%	5,48%	-2,38%	23,29%	20,91%
	2010	4,97%	5,32%	10,88%	5,32%	-5,91%	26,48%	20,57%
	2011	7,31%	5,70%	6,49%	5,70%	0,82%	25,21%	24,39%
	2012	6,19%	4,26%	8,62%	4,26%	-2,42%	23,32%	20,90%
>50	2008	1,98%	1,58%	2,75%	1,58%	-0,77%	7,89%	7,13%
	2009	1,51%	1,37%	3,99%	1,37%	-2,47%	8,23%	5,76%
	2010	1,57%	1,45%	5,15%	1,45%	-3,58%	9,63%	6,05%
	2011	2,40%	1,73%	3,80%	1,73%	-1,40%	9,65%	8,25%
	2012	1,83%	1,15%	4,57%	1,15%	-2,73%	8,69%	5,95%
18-30	Média	6,37%	4,15%	5,59%	4,15%	0,78%	20,25%	18,72%
30-50		5,97%	5,46%	7,84%	5,46%	-1,87%	24,74%	22,32%
>50		1,86%	1,45%	4,05%	1,45%	-2,19%	8,82%	6,63%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.15 – Fluxos de trabalhadores, por Faixa Etária, Setor dos Serviços, 2008-2012

Faixa Etária	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
18-30	2008	8,13%	5,48%	4,57%	5,48%	3,56%	23,65%	20,09%
	2009	6,30%	4,67%	5,33%	4,67%	0,96%	20,96%	20,00%
	2010	5,82%	4,27%	6,63%	4,27%	-0,81%	20,98%	20,17%
	2011	6,50%	3,86%	4,56%	3,86%	1,94%	18,78%	16,85%
	2012	5,08%	3,23%	5,11%	3,23%	-0,03%	16,66%	16,63%
30-50	2008	8,34%	7,54%	6,53%	7,54%	1,81%	29,95%	28,14%
	2009	6,60%	6,84%	8,19%	6,84%	-1,58%	28,47%	26,89%
	2010	6,62%	6,55%	12,08%	6,55%	-5,47%	31,80%	26,33%
	2011	7,88%	6,17%	7,48%	6,17%	0,40%	27,70%	27,30%
	2012	6,22%	5,67%	8,81%	5,67%	-2,58%	26,38%	23,80%
>50	2008	2,09%	1,71%	2,59%	1,71%	-0,51%	8,09%	7,59%
	2009	1,72%	1,69%	3,01%	1,69%	-1,30%	8,12%	6,83%
	2010	1,84%	1,72%	4,67%	1,72%	-2,84%	9,94%	7,11%
	2011	2,02%	1,63%	3,39%	1,63%	-1,37%	8,68%	7,31%
	2012	1,74%	1,68%	3,69%	1,68%	-1,95%	8,80%	6,85%
18-30	Média	6,37%	4,30%	5,24%	4,30%	1,12%	20,21%	18,75%
30-50		7,13%	6,56%	8,62%	6,56%	-1,48%	28,86%	26,49%
>50		1,88%	1,69%	3,47%	1,69%	-1,59%	8,73%	7,14%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.16 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, Setor do Turismo, 2008-2012

Habilitações Literárias	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Inferior ao Ensino Básico	2008	0,31%	0,17%	0,31%	0,17%	0,00%	0,94%	0,94%
	2009	0,18%	0,13%	0,25%	0,13%	-0,07%	0,70%	0,63%
	2010	0,14%	0,10%	0,39%	0,10%	-0,26%	0,72%	0,47%
	2011	0,17%	0,09%	0,22%	0,09%	-0,05%	0,57%	0,52%
	2012	0,11%	0,07%	0,24%	0,07%	-0,12%	0,49%	0,36%
Ensino Básico	2008	13,97%	9,00%	11,90%	9,00%	2,06%	43,87%	41,81%
	2009	10,82%	7,61%	12,69%	7,61%	-1,87%	38,73%	36,86%
	2010	9,99%	6,96%	18,91%	6,96%	-8,93%	42,81%	33,88%
	2011	11,99%	6,50%	13,04%	6,50%	-1,05%	38,03%	36,98%
	2012	8,95%	5,62%	15,24%	5,62%	-6,29%	35,43%	29,14%
Ensino Secundário	2008	4,90%	3,25%	3,30%	3,25%	1,60%	14,70%	13,10%
	2009	3,88%	2,93%	3,77%	2,93%	0,11%	13,50%	13,39%
	2010	3,57%	2,77%	6,14%	2,77%	-2,57%	15,27%	12,70%
	2011	5,00%	2,71%	4,24%	2,71%	0,76%	14,66%	13,90%
	2012	4,59%	2,43%	5,24%	2,43%	-0,64%	14,69%	14,04%
Ensino Superior	2008	1,26%	0,98%	0,70%	0,98%	0,56%	3,92%	3,36%
	2009	0,91%	0,89%	0,89%	0,89%	0,01%	3,59%	3,57%
	2010	1,04%	0,94%	1,56%	0,94%	-0,52%	4,48%	3,97%
	2011	1,28%	0,88%	1,07%	0,88%	0,20%	4,11%	3,91%
	2012	1,39%	0,79%	1,27%	0,79%	0,13%	4,24%	4,11%
Inferior ao Ensino Básico	Média	0,18%	0,11%	0,28%	0,11%	-0,10%	0,68%	0,58%
Ensino Básico		11,14%	7,14%	14,36%	7,14%	-3,22%	39,77%	35,73%
Ensino Secundário		4,39%	2,82%	4,54%	2,82%	-0,15%	14,56%	13,43%
Ensino Superior		1,17%	0,90%	1,10%	0,90%	0,08%	4,07%	3,79%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.17 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012

Habilitações Literárias	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Inferior ao Ensino Básico	2008	0,32%	0,21%	0,34%	0,21%	-0,02%	1,08%	1,06%
	2009	0,25%	0,18%	0,29%	0,18%	-0,05%	0,89%	0,84%
	2010	0,18%	0,13%	0,44%	0,13%	-0,27%	0,88%	0,61%
	2011	0,21%	0,14%	0,29%	0,14%	-0,08%	0,78%	0,70%
	2012	0,14%	0,11%	0,30%	0,11%	-0,15%	0,66%	0,50%
Ensino Básico	2008	17,73%	11,51%	14,65%	11,51%	3,08%	55,38%	52,30%
	2009	13,82%	10,04%	15,25%	10,04%	-1,43%	49,16%	47,73%
	2010	12,51%	9,70%	22,22%	9,70%	-9,72%	54,13%	44,42%
	2011	15,22%	9,87%	17,02%	9,87%	-1,81%	51,98%	50,18%
	2012	11,37%	8,74%	19,41%	8,74%	-8,05%	48,26%	40,21%
Ensino Secundário	2008	4,64%	2,95%	3,15%	2,95%	1,49%	13,69%	12,20%
	2009	4,06%	2,78%	3,52%	2,78%	0,54%	13,14%	12,60%
	2010	3,58%	2,62%	5,29%	2,62%	-1,71%	14,12%	12,41%
	2011	4,86%	2,66%	4,15%	2,66%	0,72%	14,34%	13,62%
	2012	4,54%	2,57%	5,08%	2,57%	-0,54%	14,76%	14,22%
Ensino Superior	2008	0,48%	0,43%	0,36%	0,43%	0,12%	1,70%	1,57%
	2009	0,47%	0,42%	0,35%	0,42%	0,11%	1,66%	1,55%
	2010	0,60%	0,43%	0,65%	0,43%	-0,05%	2,11%	2,07%
	2011	0,54%	0,44%	0,45%	0,44%	0,09%	1,87%	1,78%
	2012	0,58%	0,39%	0,57%	0,39%	0,01%	1,93%	1,92%
Inferior ao Ensino Básico	Média	0,22%	0,15%	0,33%	0,15%	-0,11%	0,86%	0,74%
Ensino Básico		14,13%	9,97%	17,71%	9,97%	-3,58%	51,78%	46,97%
Ensino Secundário		4,34%	2,72%	4,24%	2,72%	0,10%	14,01%	13,01%
Ensino Superior		0,53%	0,42%	0,48%	0,42%	0,06%	1,85%	1,78%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.18 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Habilitações Literárias	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Inferior ao Ensino Básico	2008	0,20%	0,16%	0,24%	0,16%	-0,04%	0,76%	0,72%
	2009	0,11%	0,10%	0,26%	0,10%	-0,15%	0,57%	0,42%
	2010	0,09%	0,07%	0,32%	0,07%	-0,23%	0,55%	0,32%
	2011	0,15%	0,09%	0,21%	0,09%	-0,06%	0,53%	0,47%
	2012	0,08%	0,06%	0,21%	0,06%	-0,14%	0,42%	0,28%
Ensino Básico	2008	9,14%	7,96%	8,86%	7,96%	0,29%	33,91%	33,63%
	2009	6,78%	6,51%	11,37%	6,51%	-4,59%	31,18%	26,59%
	2010	6,79%	5,64%	15,13%	5,64%	-8,34%	33,20%	24,86%
	2011	9,17%	6,22%	9,52%	6,22%	-0,36%	31,13%	30,77%
	2012	7,26%	4,23%	11,42%	4,23%	-4,17%	27,14%	22,98%
Ensino Secundário	2008	4,87%	3,63%	3,25%	3,63%	1,61%	15,38%	13,77%
	2009	3,57%	3,38%	4,16%	3,38%	-0,59%	14,49%	13,90%
	2010	3,75%	3,50%	5,73%	3,50%	-1,99%	16,48%	14,50%
	2011	5,62%	3,43%	3,96%	3,43%	1,66%	16,45%	14,79%
	2012	4,93%	2,83%	5,35%	2,83%	-0,41%	15,93%	15,52%
Ensino Superior	2008	1,61%	1,39%	0,93%	1,39%	0,69%	5,32%	4,63%
	2009	1,34%	1,31%	1,16%	1,31%	0,19%	5,13%	4,94%
	2010	1,34%	1,58%	1,72%	1,58%	-0,38%	6,22%	5,84%
	2011	1,98%	1,60%	1,42%	1,60%	0,56%	6,59%	6,04%
	2012	1,93%	1,32%	1,84%	1,32%	0,09%	6,41%	6,32%
Inferior ao Ensino Básico	Média	0,12%	0,10%	0,25%	0,10%	-0,12%	0,57%	0,44%
Ensino Básico		7,83%	6,11%	11,26%	6,11%	-3,43%	31,31%	27,76%
Ensino Secundário		4,55%	3,35%	4,49%	3,35%	0,06%	15,75%	14,50%
Ensino Superior		1,64%	1,44%	1,41%	1,44%	0,23%	5,94%	5,55%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.19 – Fluxos de trabalhadores, por Habilitações Literárias, Setor dos Serviços, 2008-2012

Habilitações Literárias	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Inferior ao Ensino Básico	2008	0,20%	0,22%	0,23%	0,22%	-0,03%	0,86%	0,83%
	2009	0,14%	0,16%	0,20%	0,16%	-0,06%	0,66%	0,60%
	2010	0,10%	0,14%	0,27%	0,14%	-0,17%	0,65%	0,48%
	2011	0,12%	0,13%	0,17%	0,13%	-0,05%	0,55%	0,50%
	2012	0,08%	0,13%	0,16%	0,13%	-0,08%	0,50%	0,42%
Ensino Básico	2008	9,60%	8,13%	8,24%	8,13%	1,36%	34,10%	32,74%
	2009	7,39%	7,16%	9,36%	7,16%	-1,96%	31,07%	29,10%
	2010	7,19%	6,64%	12,76%	6,64%	-5,57%	33,23%	27,66%
	2011	8,06%	6,07%	8,87%	6,07%	-0,82%	29,06%	28,25%
	2012	6,19%	5,39%	9,69%	5,39%	-3,50%	26,66%	23,16%
Ensino Secundário	2008	4,37%	3,61%	3,18%	3,61%	1,19%	14,78%	13,59%
	2009	3,73%	3,24%	3,93%	3,24%	-0,20%	14,15%	13,95%
	2010	3,64%	3,14%	5,55%	3,14%	-1,91%	15,47%	13,56%
	2011	4,59%	2,98%	3,74%	2,98%	0,85%	14,30%	13,44%
	2012	3,70%	2,69%	4,59%	2,69%	-0,89%	13,66%	12,77%
Ensino Superior	2008	4,03%	2,66%	1,99%	2,66%	2,03%	11,34%	9,31%
	2009	3,31%	2,52%	2,97%	2,52%	0,34%	11,31%	10,98%
	2010	3,34%	2,53%	4,70%	2,53%	-1,36%	13,09%	11,74%
	2011	3,61%	2,45%	2,60%	2,45%	1,00%	11,11%	10,11%
	2012	3,05%	2,36%	3,14%	2,36%	-0,09%	10,90%	10,81%
Inferior ao Ensino Básico	Média	0,13%	0,16%	0,21%	0,16%	-0,08%	0,64%	0,57%
Ensino Básico		7,68%	6,68%	9,78%	6,68%	-2,10%	30,82%	28,18%
Ensino Secundário		4,01%	3,13%	4,20%	3,13%	-0,19%	14,47%	13,46%
Ensino Superior		3,47%	2,50%	3,08%	2,50%	0,39%	11,55%	10,59%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.20 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, Setor do Turismo, 2008-2012

Tipo de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Contrato sem termo	2008	6,63%	5,76%	6,76%	5,76%	-0,14%	24,92%	24,78%
	2009	5,24%	4,78%	7,06%	4,78%	-1,82%	21,84%	20,02%
	2010	5,24%	4,78%	12,30%	4,78%	-7,06%	27,11%	20,05%
	2011	5,93%	4,86%	8,70%	4,86%	-2,77%	24,35%	21,57%
	2012	4,38%	3,99%	9,89%	3,99%	-5,51%	22,24%	16,73%
Contrato com termo	2008	12,34%	6,74%	7,90%	6,74%	4,44%	33,71%	29,28%
	2009	9,36%	6,01%	9,16%	6,01%	0,20%	30,55%	30,35%
	2010	7,90%	5,22%	11,24%	5,22%	-3,34%	29,57%	26,23%
	2011	10,52%	4,45%	7,87%	4,45%	2,65%	27,28%	24,63%
	2012	8,97%	4,05%	9,63%	4,05%	-0,66%	26,70%	26,04%
Contrato sem termo	Média	5,48%	4,83%	8,94%	4,83%	-3,46%	24,09%	20,63%
Contrato com termo		9,82%	5,29%	9,16%	5,29%	0,66%	29,56%	27,30%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.21 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012

Tipo de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Contrato sem termo	2008	7,66%	6,45%	7,76%	6,45%	-0,10%	28,32%	28,22%
	2009	6,21%	5,69%	7,71%	5,69%	-1,50%	25,30%	23,80%
	2010	6,03%	5,40%	12,43%	5,40%	-6,40%	29,25%	22,85%
	2011	6,92%	6,07%	9,98%	6,07%	-3,06%	29,04%	25,98%
	2012	5,05%	5,47%	10,99%	5,47%	-5,94%	26,98%	21,05%
Contrato com termo	2008	13,86%	7,63%	9,00%	7,63%	4,86%	38,12%	33,26%
	2009	10,98%	6,88%	10,03%	6,88%	0,94%	34,78%	33,84%
	2010	9,13%	6,62%	12,35%	6,62%	-3,22%	34,71%	31,49%
	2011	11,65%	5,92%	9,50%	5,92%	2,15%	32,98%	30,83%
	2012	9,71%	4,96%	11,40%	4,96%	-1,70%	31,02%	29,33%
Contrato sem termo	Média	6,37%	5,82%	9,78%	5,82%	-3,40%	27,78%	24,38%
Contrato com termo		11,07%	6,40%	10,46%	6,40%	0,61%	34,32%	31,75%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.22 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Tipo de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Contrato sem termo	2008	2,73%	4,47%	4,40%	4,47%	-1,67%	16,06%	14,39%
	2009	2,58%	3,64%	5,39%	3,64%	-2,81%	15,25%	12,44%
	2010	2,45%	4,23%	9,73%	4,23%	-7,28%	20,62%	13,34%
	2011	3,68%	5,06%	6,12%	5,06%	-2,44%	19,93%	17,50%
	2012	2,58%	2,90%	7,24%	2,90%	-4,66%	15,62%	10,96%
Contrato com termo	2008	12,75%	8,24%	8,49%	8,24%	4,26%	37,73%	33,47%
	2009	8,88%	7,31%	11,20%	7,31%	-2,32%	34,70%	32,38%
	2010	8,61%	6,20%	12,16%	6,20%	-3,55%	33,17%	29,62%
	2011	11,99%	5,66%	8,05%	5,66%	3,93%	31,37%	27,43%
	2012	10,42%	4,91%	10,34%	4,91%	0,08%	30,58%	30,50%
Contrato sem termo	Média	2,80%	4,06%	6,58%	4,06%	-3,77%	17,50%	13,73%
Contrato com termo		10,53%	6,47%	10,05%	6,47%	0,48%	33,51%	30,68%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.23 – Fluxos de trabalhadores, por Tipo de Contrato, Setor dos Serviços, 2008-2012

Tipo de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Contrato sem termo	2008	5,44%	5,81%	5,51%	5,81%	-0,07%	22,57%	22,50%
	2009	4,27%	5,29%	6,33%	5,29%	-2,06%	21,18%	19,12%
	2010	5,12%	5,25%	10,02%	5,25%	-4,90%	25,63%	20,73%
	2011	5,16%	5,52%	7,20%	5,52%	-2,04%	23,40%	21,36%
	2012	4,05%	4,95%	7,73%	4,95%	-3,68%	21,68%	18,00%
Contrato com termo	2008	9,29%	5,24%	5,28%	5,24%	4,01%	25,05%	21,04%
	2009	7,20%	4,85%	6,97%	4,85%	0,23%	23,86%	23,64%
	2010	6,63%	4,32%	8,76%	4,32%	-2,13%	24,02%	21,89%
	2011	7,70%	4,05%	5,68%	4,05%	2,02%	21,49%	19,47%
	2012	6,26%	3,49%	6,50%	3,49%	-0,23%	19,73%	19,50%
Contrato sem termo	Média	4,81%	5,36%	7,36%	5,36%	-2,55%	22,89%	20,34%
Contrato com termo		7,42%	4,39%	6,64%	4,39%	0,78%	22,83%	21,11%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.24 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, Setor do Turismo, 2008-2012

Regime de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Tempo Completo	2008	17,77%	11,61%	13,97%	11,61%	3,79%	54,95%	51,16%
	2009	13,45%	9,88%	15,37%	9,88%	-1,92%	48,59%	46,67%
	2010	12,10%	9,20%	22,59%	9,20%	-10,49%	53,08%	42,59%
	2011	15,03%	8,28%	15,50%	8,28%	-0,47%	47,08%	46,61%
	2012	11,91%	7,05%	18,25%	7,05%	-6,35%	44,26%	37,91%
Tempo Parcial	2008	1,71%	1,20%	1,18%	1,20%	0,53%	5,28%	4,75%
	2009	1,55%	1,18%	1,25%	1,18%	0,30%	5,15%	4,85%
	2010	1,73%	1,05%	1,55%	1,05%	0,17%	5,38%	5,21%
	2011	2,23%	1,36%	1,75%	1,36%	0,48%	6,71%	6,23%
	2012	2,10%	1,30%	2,05%	1,30%	0,05%	6,75%	6,70%
Tempo Completo	Média	14,05%	9,20%	17,14%	9,20%	-3,09%	49,59%	44,99%
Tempo Parcial		1,86%	1,22%	1,56%	1,22%	0,31%	5,85%	5,55%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.25 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, atividade económica “Restauração e similares”, 2008-2012

Regime de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Tempo Completo	2008	19,62%	12,69%	15,52%	12,69%	4,10%	60,51%	56,41%
	2009	15,34%	11,20%	16,38%	11,20%	-1,04%	54,12%	53,09%
	2010	13,34%	10,81%	23,24%	10,81%	-9,90%	58,21%	48,30%
	2011	16,26%	10,19%	17,70%	10,19%	-1,45%	54,33%	52,88%
	2012	12,43%	8,62%	20,30%	8,62%	-7,87%	49,96%	42,10%
Tempo Parcial	2008	2,48%	1,74%	1,68%	1,74%	0,80%	7,63%	6,83%
	2009	2,30%	1,70%	1,82%	1,70%	0,48%	7,52%	7,04%
	2010	2,63%	1,50%	2,19%	1,50%	0,44%	7,82%	7,38%
	2011	3,23%	2,32%	2,69%	2,32%	0,55%	10,56%	10,01%
	2012	3,04%	1,89%	3,08%	1,89%	-0,04%	9,90%	9,86%
Tempo Completo	Média	15,40%	10,70%	18,63%	10,70%	-3,23%	55,43%	50,56%
Tempo Parcial		2,74%	1,83%	2,29%	1,83%	0,45%	8,69%	8,22%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.26 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, atividade económica “Alojamento”, 2008-2012

Regime de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Tempo Completo	2008	15,32%	12,58%	12,82%	12,58%	2,50%	53,31%	50,81%
	2009	11,44%	10,80%	16,51%	10,80%	-5,07%	49,54%	44,47%
	2010	11,34%	10,31%	21,86%	10,31%	-10,52%	53,81%	43,29%
	2011	15,81%	10,76%	14,42%	10,76%	1,40%	51,76%	50,36%
	2012	13,11%	7,89%	17,75%	7,89%	-4,64%	46,65%	42,00%
Tempo Parcial	2008	0,49%	0,36%	0,33%	0,36%	0,16%	1,54%	1,38%
	2009	0,35%	0,34%	0,40%	0,34%	-0,05%	1,42%	1,37%
	2010	0,45%	0,30%	0,50%	0,30%	-0,05%	1,55%	1,50%
	2011	0,79%	0,34%	0,44%	0,34%	0,35%	1,90%	1,55%
	2012	0,70%	0,33%	0,66%	0,33%	0,04%	2,01%	1,97%
Tempo Completo	Média	13,41%	10,47%	16,67%	10,47%	-3,27%	51,01%	46,19%
Tempo Parcial		0,55%	0,33%	0,46%	0,33%	0,09%	1,68%	1,55%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal

Tabela B.27 – Fluxos de trabalhadores, por Regime de Contrato, Setor dos Serviços, 2008-2012

Regime de Contrato	Ano	Fluxos de Admissão		Fluxos de Separação		Variação Líquida do Emprego	Rotação de trabalhadores	Excesso de rotação de trabalhadores
		Entrada no Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho	Saída do Mercado de Trabalho	Substituição do posto de trabalho			
Tempo Completo	2008	15,26%	11,55%	11,42%	11,55%	3,84%	49,79%	45,95%
	2009	12,07%	9,90%	13,84%	9,90%	-1,77%	45,72%	43,95%
	2010	11,75%	9,48%	19,22%	9,48%	-7,47%	49,94%	42,47%
	2011	13,27%	8,56%	12,57%	8,56%	0,70%	42,95%	42,25%
	2012	10,24%	7,66%	14,50%	7,66%	-4,26%	40,05%	35,78%
Tempo Parcial	2008	2,55%	2,59%	1,65%	2,59%	0,90%	9,38%	8,47%
	2009	1,97%	2,72%	2,07%	2,72%	-0,11%	9,48%	9,38%
	2010	2,09%	2,50%	2,45%	2,50%	-0,37%	9,53%	9,17%
	2011	2,33%	2,62%	2,14%	2,62%	0,19%	9,71%	9,53%
	2012	2,11%	2,43%	2,18%	2,43%	-0,07%	9,16%	9,09%
Tempo Completo	Média	12,52%	9,43%	14,31%	9,43%	-1,79%	45,69%	42,08%
Tempo Parcial		2,21%	2,57%	2,10%	2,57%	0,11%	9,45%	9,13%

Fonte: Cálculos próprios com recurso aos Quadros de Pessoal